

Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII

Janeiro de 1987

Nº 1

ILUSTRAÇÃO
RUBENS
HEUSI - 21

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

“Rikobert Doering”

(Rigo)

Edith Kormann

Rikobert Doering, nasceu em Mulde Central - Timbó - SC, no dia 5 de julho de 1932, filho de Hermann e Ida Doering. Rigo manifestou seu interesse pela música quando aos dezesseis anos trocou uma bicicleta por um acordeom. Estudou música com Franz Baumgart no Conservatório de Música “Curt Hering”, que funcionava no Teatro “Carlos Gomes” de Blumenau. Franz Baumgart, saíu do Conservatório, fundando o Stúdio Universal que funcionava no sobrado da Casa Willy Sievert. Do Stúdio Universal formou-se o Conjunto Musical do Stúdio Universal, que fez a sua primeira apresentação no dia 8 de janeiro de 1955 no baile da Sociedade Recreativa e Cultural “Lyra” no salão Paulo Fischer. Rigo começou tocando num acordeom marca “Scandalli” (1955) em 1961, participou entre outros músicos do conjunto musical formado por Baumgart. No dia 18 de abril de 1965, Rigo estreou com o conjunto musical “Rigo e seu Conjunto” (Baumgart já havia saído do conjunto). Na ocasião faziam parte do conjunto, Sérgio Max Rabitz, Domenicos Junkes, Esnard Oliveira, Abel Evaristo, Luiz Berti Neto e Perfeito de Aguiar. Em 10 de maio de 1967, Rigo comprou um acordeom com 120 baixos, marca “Frascati”, que na época custou 300,00 cruzeiros novos em dez pagamentos de Osni Sievert. Em março de 1969, “Rigo e seu Conjunto” adquiriram um tremendão Gianini e a partir de 2 de julho de 1969 passaram a tocar no Restaurante “Frohsinn”, e das tocatas no mesmo originou-se o Quarteto “Frohsinn”, integrado por Rigo, Franz Baumgart (que voltara), Sérgio Rabitz e Perfeito de Aguiar. Em agosto de 1969, Franz Baumgart se afastou definitivamente, sendo substituído por Luiz Berti Neto. Em fevereiro de 1971, o Restaurante “Frohsinn”, contratou o cantor Vilmar, que também era seresteiro e violinista e que se integrou ao “Quarteto”. Nessa época, cada figura do conjunto recebia por apresentação 450,00 cruzeiros. O “Quarteto Frohsinn” cessou suas apresentações no restaurante no dia 30 de março de 1973. Entre as apresentações de Rigo com o quarteto no Restaurante “Frohsinn”, era famoso o “Show do Cachorro”. Neste “Show”, os músicos entravam no recinto com as luzes apagadas tocando “El Silêncio” e por incrível que pareça, um cachorro preto peludo ao ouvir a música subia no palco e aguardava a sua vez. Quando terminava “El Silêncio” e os músicos tocavam “Curro Cuchare” de Metallo, o cachorro colocava as patas sobre o corrimão e na hora do “Alegro” dava o seu “Show” que era muito aplaudido. No dia 1.º de abril de 1973, o conjunto passou a tocar no “Restaurante Cavalinho Branco”, e no dia 10 de julho de 1978, o conjunto lançou o “LP” “No Cavalinho Branco”. A partir de 3 de novembro de 1979, a banda começou a tocar na Casa Moellmann. No dia 21 de março de 1981, apesar de cessarem as apre-

sentações no "Restaurante Cavalinho Branco", o conjunto adotou o nome de "Banda Musical Cavalinho Branco Ltda", com a participação, entre outros, de Marcos Novaski, que saíra do conjunto em 1979. Participaram da "Banda Musical Cavalinho Branco Ltda", Rigo, Marcos Doering, Marciel Doering, Marcos Novaski e Luiz C. de Aguiar que participava do conjunto desde agosto de 1978, e que em outubro de 1983 foi substituído por Silvio Luiz Capelani. A banda gravou quatro "LPs": No Cavalinho Branco, Conjunto Típico Cavalinho Branco e dois com o título de Banda Cavalinho Branco. Nesses "LPs" além de interpretar músicas de outros compositores, o conjunto incluiu no primeiro "LP" o baião de autoria de Rigo, "5 de julho" e o arranjo sobre "See Rosen"; no segundo, incluiu a marcha "Rigo's Marsch" e arranjo "Mus I Denn" e "Auch wiender Zeenn"; no terceiro, a marcha de autoria de Rigo, "A banda já chegou"; no quarto "LP", "Eu sou de Blumenau" e "Cheguei", ritmo jovem e os arranjos de Rigo sobre a valsa "S. Paulo" e "Não vamos para casa". No disco "Antigamente era assim..." lançado em 1958, Rigo fez os arranjos das músicas "Em forma" de Franz Baumgart e "Havanera" de Rockstroth para o Jazz Society. No disco "Salve a Banda", Rigo com a sua banda tocou "Lichtensteiner Polka" e um potpourri de músicas alemãs. Rigo dirigiu o Coro Misto da Sociedade Recreativa e Cultural Lyra, o Coral Masculino e Infantil do Clube de Caça e Tiro Concórdia e o Coral Misto da Água Verde. Todos deixaram de funcionar com a saída de Rigo, e apesar das tentativas de continuidade com outros dirigentes, os grupos se dispersaram. Quando dirigente de corais, Rigo fez um curso de regência de corais em Linha Brasil-Nova Petrópolis - RS, patrocinado e promovido pelos "Centros Culturais "25 de julho". Rigo também foi contramestre da Banda Musical Municipal de Blumenau, fundada por Franz Baumgart. Rigo ensina música, menos piano (instrumentos necessários para tocar música popular) em sua casa, tendo em determinada época até 65 alunos por mês.

Com "Inspiração", fox com letra de Grete Scheltzke, Rigo foi homenageado pelas suas bodas de prata.

Rigo é Delegado da Ordem dos Músicos do Brasil, em Blumenau, com jurisdição de Ilhota até Subida. É também presidente do Conselho Fiscal do Sindicato dos Músicos Profissionais de Blumenau.

O CAPIVARY

(Colônia Teresópolis)

(Der Urwaldsbote de 10/05/1992)

Como contribuição à história da colonização do nosso Estado publicamos uma reportagem enviada por um morador daquela ci-

dade. Sem preâmbulos e enfeites o autor descreve o ponto de vista de um colono sobre a colonização alemã naquela região. Até o momento, pouco transpareceu, e assim, toda e qualquer contribuição por este motivo é bem-vinda. Porque lá naquela região os alemães contribuíram com o desenvolvimento e a cultura, e que merece atenção.

Quando nós, moradores do

Capivary, Rio Novo e Rio Salto chegamos a Teresópolis nos anos 1862-1863, as terras que nos foram destinadas ainda não haviam sido medidas e muito menos havia estradas.

Nosso diretor colonial, um ex-oficial do exército austriaco, era um homem inteligente que logo aprendeu dos brasileiros como se procedia. Primeiro cuidou de si próprio, construindo uma bonita casa da diretoria, com um bonito jardim, para o qual precisava de jardineiro. Porque o dinheiro que o governo mandava com fartura era preciso gastar, na colonização nem se pensava. Ficamos por este motivo limitados ao galpão de emigração até que nossas terras estivessem medidas.

Mas a vida não era ruim, recebíamos subsídios e não passávamos necessidade.

Cada sábado um colono brasileiro abatia uma cabeça de gado, e então tínhamos carne suficiente para comer. Domingo de manhã vinham as mulheres brasileiras oferecendo doces e guloseimas. Também tínhamos teatro e uma banda que executava boa música. Todos elogiavam a vida boa aqui no Brasil.

Mas homens de visão mais ampla logo viram que não poderiam continuar desta forma e foram procurar o diretor. Começaram a medir as terras mais seriamente e construir estradas. O caminho pelo morro Capivary era íngreme e seguia exatamente a picada feita. Do sopé ao pico uma pessoa a pé leva cerca de 1:30 horas.

Quando as colônias foram medidas, cada pessoa recebeu o seu lote em figura de um bonito pedaço de morro brasileiro. Agora começou a derrubada; cada um queria ter a maior roça. Depois começou o plantio: milho, feijão e batatas. Para mandioca e cana-de-açúcar o Alto Capivary é frio demais. Depois do plantio passamos a pensar na construção de uma choupana. Nossas coisas tivemos que transportar pessoalmente, pela picada morro acima. A instalação interna foi fácil de resolver, mas nós também precisávamos de gado, e como conseguir sem dinheiro? Foi então que o homem vendeu seu relógio, a mulher suas poucas jóias e vestidos. Desta forma compraram das tropeiras uma vaca, boi ou burro. Com o tempo o colono estava bem instalado. Trabalhava-se muito, e quando o homem estava ocupado com a construção na estrada, a mulher e filhos cuidavam da propriedade. Logo sobraram produtos para vender, mas o transporte era quase impossível. Tudo pelo morro com muito sacrifício.

Assim trabalhamos por alguns anos e vimos algum progresso. Foi então que certo dia, quando estávamos ocupados na estrada, nosso diretor veio na companhia de dois senhores. Um era uma pessoa importante do Ministério da Agricultura do Rio, o senhor Galvão, o outro intérprete oficial do Estado, o senhor Trompovski, de Desterro.

O primeiro informou-se sobre o nosso bem-estar e se gostáva-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

mos da região. Em caso de reclamação ou reivindicação, que o fizéssemos a ele, naquele instante, que ele viera para nos auxiliar. Um de nós tinha que tomar a iniciativa, e o mais valente deu um passo, para frente, para começar o rosário de reclamações. Por último disse que: — Nosso filhos crescem como selvagens, não temos escolas nem igreja. Então Dr. Galvão prometeu tomar as providências, e realmente cumpriu sua palavra. Logo cada distrito recebeu a soma de 300 mil réis para a construção de uma escola e mais 15 mil réis para o pagamento de um professor. Foi então providenciado um colono que sabia ler e escrever à professor.

Outra consequência da illustre visita, foi que o nosso diretor, apesar de todas as desculpas apresentadas, foi afastado do cargo, mas ele já havia colocado sua parte de lado e desta forma o golpe não o atingiu muito. Seu sucessor foi um brasileiro. Agora tudo ia de vento em popa. No meio da floresta, uma clareira, ele começou a trabalhar. Suas medidas precipitaram-se, mas nunca um trabalho foi concluído, e o ordenado não mais pago aos operários. Por sorte os colonos podiam vender seus produtos e não dependiam mais dos subsídios.

Logo depois a Colônia Thereópólis foi emancipada. Ela tinha junto ao governador, para trabalhos de estradas, cerca de 14 contos. Esta soma seria agora revertida em subsídios e dívidas de terras. Contra isto protestamos declarando: não pagaremos as dívidas de terras, antes que tenhamos uma boa estrada para a Colônia, como o governo prometera

mediante contrato. Esta foi uma longa e interminável disputa. Exigíamos que nos pagassem o parco e duro dinheiro ganho. Finalmente o Tesouro em Desterro, recebeu a ordem, provavelmente do Dr. Galvão, para pagar-nos. Foi pago no entanto com a observação de que o governo não gastaria mais dinheiro com a Colônia e que os subsídios e dívidas de terras receberemos de presente. Agora tínhamos o nosso dinheiro, estávamos livres de dívidas, mas entregues a nossa própria sorte. Passamos a trabalhar com ânimo, construindo estradas, retificando outras, preparando para nós meios de comunicação.

Chegou o dia em que os colonos tornaram-se numerosos para as pequenas Colônias, e as terras nas encostas do morro nada mais rendiam. Chegamos à conclusão de que 25 a 30 hectares era pequeno demais para uma família. Foi então que um colono cedia sua parte de terra a outro e seguia o rio Capivary abaixo, em direção a Tubarão, onde já havia terras medidas. Quando estes lotes terminaram, compravam de brasileiros. Desta forma agora a região do rio Capivary é colonizada por alemães até abaixo de Armazém.

No que se refere às nossas condições de comercialização, os colonos do alto Capivary, levam suas mercadorias a Desterro. E os moradores do Baixo Capivary se dirigem a Laguna, para onde eles próprios construíram meios de comunicação. Mas no Baixo Capivary estão estabelecidos comerciantes que compram as mercadorias, evitando que façam a viagem até Laguna. Estes comerciantes transportam as mercadorias por canoa

rio abaixo até laguna. Este caminho fluvial é feito por várias canoas até chegarem a um ancoradouro onde a mercadoria era recarregada em carros de bois e transportada até o Armazem. Aqui tudo era transferido para canoas maiores. Em Laguna nossa mercadoria era entregue a um exportador que vendia ao Rio de Janeiro.

Os colonos aproveitam com este sistema de carregamento intermediário, pois economizam tempo e animais de carga.

Em tudo os colonos estão bem aqui, melhor do que em outros lugares onde são explorados pelos judeus cristãos. Por estes são obrigados a trocar suas mercadorias e desta forma tolhidos em seu progresso.

Quando nós entregamos uma mercadoria ela é pesada ou medida e nós recebemos imediatamente nosso dinheiro. Desta forma os colonos têm prazer em trabalhar.

Os colonos desta região vieram na maior parte da Westphalia onde não existem morros e montanhas. Aqui eles se movimentam nesta área montanhosa, como se não tivessem visto nunca coisa diferente em toda sua vida. Para eles o provérbio antigo continua em vigor: ajude-se a si mesmo, assim ajudará Deus.

Em questão de religião, quase todos pertencem a religião católica. Temos aqui cinco capelas católicas e uma protestante. Algumas vezes por ano nos visitam os padres franciscanos. O culto na capela evangélica é feito pelo pastor de Santa Isabel.

Assim vivemos tranquilos e em harmonia por quase 30 anos, entregues à própria sorte. De auxílio governamental ou municipal

não tivemos mais nada. Como nós mesmos construímos as estradas e zelávamos por elas, estamos livres de impostos. Agora tornáramos alvos de atenção pois acharam que aqui havia algo a aproveitar. Nossos vizinhos abaixo e alto da região Capivary, dividiram-se. O Baixo Capivary passou a pertencer a Imaruy e o Alto Capivary à Palhoça. Esta divisão e proteção pagamos caro. Nossos protetores precisavam de muita coisa e isto só podiam conseguir com os colonos alemães. Em curtas palavras, quem mais trabalhou e suou teria que pagar mais.

Nossa Câmara Municipal tinha contratado um fiscal encarregando-o na supervisão das estradas para que fossem limpas. Portanto as estradas que nós mesmos construímos, agora eram fiscalizadas e controladas. Da mesma forma a Câmara podia incumbir seu fiscal a controlar se as mulheres lavavam pratos e travessas e não deixavam queimar o feijão. Mas ali o fiscal entraria mal, pois perguntariam: — O que você tem a ver com nossos pratos e travessas? Estas eu mesmo paguei e se você quiser viver, trabalhe como nós o fazemos. Então usaria a colher-de-pau e o fiscal esqueceria de voltar. Nossas autoridades pensariam duas vezes antes de se desentender com nossas mulheres, pois estas têm coragem. Nossos homens não poderiam dizer igualmente a estes fiscais intrometidos — o que te importam nossas estradas? Estas nós fizemos e cuidamos. Foi terra presenteada pelo governo imperial. Desepeça, senão nós tomaremos providências para que isto aconteça. Mas coragem só

têm nossas mulheres. Os homens tiram apenas os chapéus e ainda agradecem submissos a honra de ter um "protetor" ao qual podem sacrificar seu dinheiro amargamente ganho.

Mas agora veio o maior escândalo. Após termos vivido 38 anos nas terras presenteadas pelo governo imperial, comerciadas com outros e passadas em herança, chega o governo estadual e exige pagamento pelas mesmas.

O concedimento das terras era baseado no não cumprimento do governo em não construir as estradas que levariam para a Colônia. Não havia portanto razão para que o governo derrubasse este presente de terras; o mesmo agiu corretamente.

Na ganância de tirar maior proveito das terras concedidas, fazia esquecer o governo o respeito devido aos colonos.

Com esta posição do governo, que sabe cobrar impostos mas nada faz para o desenvolvimento da região do Capivary, se deve recear que esta região em vez de progredir, regreda.

Ainda contribuindo para isto a crise econômica do momento, o comércio estava parado. Antes, anualmente, eram transportados 160.000 a 200.000 quilos de toucinho e carne de porco para o Rio de Janeiro. Também consideráveis quantias de feijão, farinha, açúcar e cachaça. Mas a enorme queda de exportação de produtos agrícolas fez com que a economia sofresse um abalo.

Acontece que o imposto de exportação exigido em Laguna, muitas vezes ultrapassava o próprio preço exigido. Os colonos são dessa maneira obrigados mui-

tas vezes a se desviar dos intermediários e transportar suas mercadorias pelo morro e estradas pessoalmente até Laguna. Isto, no entanto, só é possível com bom tempo, pois as estradas estão péssimas e não existem pontes.

Mas ao mesmo tempo devo considerar o nosso governo. Pelo anterior dito, parece que o governo nada fazia por nós. Mas isto seria injusto. Esporadicamente ele vinha nos divertir com apresentações teatrais, nas quais até éramos convidados a participar.

Nestes espetáculos compareciam alguns senhores de Imaruhy e traziam um monte de cartas fechadas. Destes, antes do espetáculo, cada participante recebia um. Os atores principais estudavam bem seus papéis. Eles estavam sentados à mesa sobre a qual estava uma caixa e apenas observavam. Então recebemos a ordem:

— Cada um coloque seu envelope nesta caixa.

Assim terminamos nossa participação. Não é maravilhoso? Se na carta estava escrito o nome de Lúcifer ou de sua avó, não entra em questão, ambos são da mesma raça.

A peça toda podia ser interpretada pelos senhores de Imaruhy. Se era necessário colocar os envelopes na caixa, eles mesmos o podiam ter feito. Mas estes senhores nos queriam proporcionar uma alegria. E nós somos gratos. ass:

Publicado no Urwalsbote em 10/05/1902.

Tradução — Edith Sophia Eimer

ENCHENTES EM BLUMENAU:

UMA TRAGÉDIA LÍRICA

Urda Alice Klueger está com seu quarto livro já há alguns meses nas livrarias. Em constantes vôos concêntricos ou espiralados em torno de sua cidade, está ela aos poucos elaborando uma autêntica saga blumenauense, uma espécie de **O Tempo e o Vento** do “Verde Vale” do Itajaí. A diferença mais fundamental talvez seja que Érico Veríssimo envolveu sua longa novela em ares épicos que incluíam todo um machismo gauchesco, ao passo que Urda cria uma narrativa essencialmente lírica, impregnada de uma emotividade mais harmoniosa e, sobretudo, de permanente ternura humana. Seria o masculino (melhor dito, o másculo) contraposto ao feminino.

Convivendo íntima e intensamente com sua cidade e sua gente de Blumenau, e após ocupar-se, em três narrativas de ficção anteriores, com situações do passado e da colonização desse Verde Vale, não era possível que Urda Klueger deixasse de focalizar a atualidade de sua terra, principalmente naquele que tem sido um dos seus fatos mais marcantes: as enchentes do rio Itajaí.

E surgiu **Vem, Vamos Remar**, um texto de difícil classificação literária. Não tem ingredientes de romance, mas também não é conto, como consta na ficha catalográfica. Trata-se de uma narrativa fortemente apoiada na realidade verídica, mas apresentada através de sensibilidade humano-artística. Talvez em poucas narrativas seja tão estreita a identificação narrador/autor. A escritora Urda, com sua vivência blumenauense, a Urda funcionária da Caixa Econômica é também personagem agente dos fatos e narradora de todo o relato. Poderíamos ainda falar em ficção?

Embora escrita após o fato, em tempo de resgate de lembranças, a narrativa de Urda focaliza cronologicamente o longo pesadelo das enchentes de 1983, a partir de 7 de julho até a entrada do mês de agosto. Deve-se ressaltar, no entanto, que a narrativa de imediato instala a enchente na nossa ambiência presente e, junto com a narradora, nós vamos vivenciando progressivamente o pesadelo. Nesse sentido, é impressionante o tom de familiaridade com que flui o relato. De imediato, as ruas da cidade se apresentam como nosso cenário habitual e as personagens convivem conosco, sem apresentações nem descrições, como gente da casa.

No início a narrativa mantém um clima tranquilo, que logo mais começa a adensar-se, atingindo rapidamente alta tensão dramática, quer pela ameaça da enchente, quer em decorrência da reação ao violento assassinato de um motorista de táxi.

A sensibilidade feminina da narradora amenizará, durante toda a narrativa, a drasticidade das situações humanas sujeitas a violência dos elementos da natureza. Sua delicadeza de percepção e empatia compreensiva sabem, a qualquer momento, buscar a descontração, a esportividade, até mesmo introduzindo, sempre que possível, alguma comemoração alegre, recorrendo (e como!) ao “Velho Barrei-

ro". Mesmo no maior isolamento, na chuva intermitente, no frio invernal, na falta de água, gás e comida, na difícil abstenção do banho, com os banheiros malcheirosos, sobrepõe-se sempre de novo o "espírito blumenauense", o otimismo frente à tragédia e a grande solidariedade que fazia com que todos tivessem tudo em comum — até mesmo uma escova de dente! E o "Velho Barreiro", a boa cachacinha, muito ajudou a manter a temperatura e o ânimo positivos, a ponto de tornar-se conhecido como "O Velho, o grande herói da Enchente".

Mas esse espírito esportivo e descontraído também fraquejava, porque ninguém é de ferro. E quando as águas sobem e descem, descem e sobem — no terceiro dia da enchente já atingindo 15,34 metros acima do nível normal; no dia 12 de julho, após terem baixado, voltaram a subir; no dia 18 tornaram a elevar-se, para depois descer; no dia 28 alcançam outra subida e no dia 1.º de agosto ainda têm nova subida — a tranqüilidade não tem como manter-se e vai cedendo à dramática invasão do terror. Mesmo os mais fortes começaram a "perder a resistência", porque "parecia que o pesadelo nunca iria terminar". Em meio a tal isolamento e carência, vendo canoas passarem com mortos para enterro, sentindo a ameaça terrível da "leptospirose, o grande fantasma", a narrativa atinge momentos em que a dura descrição do real emociona agudamente.

Mesmo refugiada no bairro alto de Bom Retiro, a narradora vivencia toda a tragédia, tendo as comunicações interrompidas. Mas sua alma sensível sempre revela aquela ternura humana, ao destacar como nesses momentos drásticos a pessoa humana emerge de sob as máscaras sociais, tão degradantes em nossa insensível civilização automatizada; como a própria narradora se emociona e contagia emocionalmente, ao conscientizar-se de tantos pequenos auxílios e doações com que é beneficiada, e que, vindos de pessoas desconhecidas, assumem tão alta função salvadora. Essa emoção humana retorna sempre de novo, também tão vivamente quando, na tragédia comum, os ricos e pobres estão no mesmo nível, ou quando a rica senhora se vê obrigada a executar serviços nunca julgados dignos de uma dama de altos poderes. Não admira, pois, que, nessas condições, as máscaras diferenciadoras se desfaçam e as solistificações e convencionalismos cedam a uma vivência muito mais autêntica e natural, em que todos se fraternizam, todos se auxiliam, todos se unem e tanto homens como mulheres choram, externando suas emoções com a mesma simplicidade espontânea na criança.

O título do livro, que, independente do contexto, pode sugerir um certo romantismo lírico, assume ares bem mais drásticos e deprimentes quando integra uma nova letra composta na ocasião para a música de Geraldo Vandré — "Para não dizer que não falei de flores" (p. 62). Mas com o final do pesadelo das enchentes, restabelece-se vivamente o otimismo construtivo do blumenauense, como atesta o bom humor de um homem que veio à Caixa Econômica solicitar financiamento para refazer a cumeeira da sua casa: "Sabe o que aconteceu, dona? A água subiu tanto, mas tanto, que cobriu completamente a minha casa. Daí, quando as canoas passavam, não sabia que ali havia

à casa, e batiam na cumeeira. — O homem riu gostosamente. — A senhora já imaginou a situação? Estamos este tempo todo com um plástico cobrindo a cumeeira” (p. 89).

E, apesar de muitas pessoas terem-se mudado para lugares mais seguros, a narrativa encerra reafirmando o positivismo confiante e entusiasta da narradora para com sua terra: E Blumenau (reconstruída e limpa) está de novo linda, tão linda! Não há outra cidade como Blumenau para a gente viver!”

Vem, Vamos Remar, pelo retrato que oferece das enchentes, mas retrato filtrado pela sensibilidade e ternura femininas de Urja Klueger, talvez pudesse ser qualificada como narrativa trágico-lírica. Em todas as suas páginas está presente a emoção humana, a grande capacidade de empatia, bem como o imbatível otimismo construtivo. O prazer de sua leitura fluente se completa com o enriquecimento de vivência humana que a autora/narradora soube imprimir no texto. Blumenau teve glorificadas as suas enchentes!

Lauro Junkes

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

O destaque do final de ano vai para o novo livro de Roberto Diniz Saut, a ser lançado nas dependências da Fund. “Casa Dr. Blumenau” e por ela editado. Trata-se de “Ao silêncio da luz”, volume de poemas com que o autor prossegue na carreira em que estreou em 1982 com o livro “Resistência”, também de poesia, e que obteve boa aceitação da crítica. Ainda que só agora dê a público seu segundo livro, Saut iniciou-se nas letras, como poeta, contista e articulista, muito antes, ocupando espaços na imprensa com a divulgação de seus trabalhos e sendo um nome bem conhecido dos leitores.

Sua inclinação poética, no primeiro livro, foi para o social, elevando com coragem e decisão o seu grito contra as injustiças e desigualdades, numa linguagem franca e direta. Neste “Ao silêncio da luz”, para usar as palavras do apresentador Vilson do Nascimento, “é mais cerebral, inteligente, filosófico. Um texto exigente, metafísico, que pede leituras de vários níveis. É uma viagem aos subterrâneos da mente e do espírito. Uma viagem iluminada. Um exaustivo exercício da verdade.”

Publicado em co-edição com Baungarten Indústria Gráfica Ltda., o livro tem capa e ilustrações de Ivandel Saut da Silveira e excelente feição gráfica.

Está circulando o número inicial de “Impacto”, boletim cultural e informativo publicado pela Subseção de Itajaí da Ordem dos Advogados do Brasil. A nova publicação tem na diretoria os advogados Patrícia Honorato Valmórbida, Wolfram Ehrenhard Echelmeier e Ra-

quel Persike e no conselho editorial Luiz Tarcísio de Oliveira, Adalberto Cesário Pereira, Egidio José Genehr, Luiz Fernando Molléri e Valdir João da Silva. Dentre os múltiplos trabalhos que contém, destacam-se “Advogados não estão sujeitos às taxas municipais”, de Mário Cesar dos Santos, “Declaração de inconstitucionalidade”, de João José Ramos Schaefer, “O poder constituinte”, de Arlindo Bernardt, “Menores abandonados, problema insolúvel”, de Hamilton Alves, “Palavra da Ordem”, de Carlos Adauto Vieira, “O crime do castigo”, de Renato Melillo Filho, “Notas sobre ilhas oceânicas”, de Manoel Lauro Volkmer de Castilho, “Constituinte”, de Octávio Cesário e muitos outros, de interesse geral e da classe em particular, subscritos por professores, advogados, promotores e juizes do Estado e de fora dele.

Com roupagens modestas, mas de conteúdo forte, a publicação da OAB de Itajaí merece aplausos e saudações, esperando-se que sirva de modelo para iniciativas semelhantes.

Visitou Blumenau, no final do ano passado, a escritora gaúcha Dorothy Camargo Gallo, nome bastante conhecido em seu Estado e autora dos livros “Intimidades” e “Outras intimidades”, ambos reunindo coletâneas de contos. Autora de um romance (“A chuva na areia”), ela produziu novelas, peças e programas radiofônicos, escreveu e levou à cena duas peças de teatro infantil e um monólogo, além dos contos já referidos, muito bem recebidos pelo público e pela crítica. Atuou também como apresentadora, rádio-atriz e locutora, além de ser uma viajante incansável, conhecendo boa parte do mundo, impelida sempre pelo desejo premente de ver, conhecer, sentir, apalpar. E de toda essa vivência ela se vale na redação de suas estórias, cuja técnica domina com perfeição, estruturando casos em que os personagens são pessoas comuns, encontradas no cotidiano, vivendo os dramas e as comédias da vida urbana. Ligada a Blumenau por afetividade (aqui reside sua filha), Dorothy Camargo Gallo vem acompanhando o que acontece na vida literária catarinense e divulgando nossos autores lá pelo Sul.

“Contos & Poemas”, a revista editada por Pinheiro Neto e Vinicius Alves (Florianópolis), está em seu terceiro número. Nele, entre outros, aparecem contos de Jorge Fernando dos Santos, Amélia Izabel da Silva Cabral, Glauco Rodrigues Corrêa e Holdemar Menezes, além de poemas de Vino, Oscar Breyer, Hugo Mund Júnior, Sônia Guimarães e André Ramos. Traz ainda uma entrevista com Eric Nepomuceno, registro de livros e jornais publicados e alguns quadrinhos. (Caixa Postal, 1322 — Florianópolis).

Em edição Lunardelli, o poeta e contistaJoinvilense Luiz Carlos Amorim lançou, no final de novembro, o livro de poemas “Uma

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

questão de amor". O evento teve lugar no auditório do Banco do Brasil, em Joinville, e foi bastante prestigiado, inclusive pela equipe de "A Ilha", suplemento literário editado por Amorim há vários anos. Finalmente o incansável trabalhador conseguiu uma boa editora e esperamos que seu livro obtenha a melhor aceitação.

Registro aqui, com os meus melhores agradecimentos, algumas manifestações a respeito de meus mais recentes livros:

"Erva-Mãe" é uma excelente coletânea de contos que confirmam o talento inato do ficcionista de primeira categoria que você é, talento esse já revelado desde a ótima estréia com "O peão negro". Você escreve com talento e classe. Indubitavelmente, muito honra as boas tradições literárias de Santa Catarina."

(José Afrânio Moreira Duarte — Belo Horizonte)

"De novo, prazer imenso ao ler um livro seu. "Erva-Mãe" é mais uma pérola no seu colar de coisas maravilhosas, uma verdadeira jóia, só que não me conformei muito com a ida de Janary Messias para o outro lado da vida. Mas, como sei das suas qualidades de ficcionista, tenho certeza de que saberá ressuscitá-lo quando chegar a hora. É sempre um deleitoso prazer ler um livro seu, acho que já lhe disse isso, e de novo o prazer foi muito grande."

(Urda A. Klueger — Blumenau)

"Somente quero dizer-lhe que me identifiquei muito com o conteúdo de seu conto cujo título acima menciono. ("Melancolia de todas as idades" — "Erva-Mãe"). Foi exatamente assim que me senti por longo tempo de minha vida, apesar de incessantes buscas. Mas um dia, influenciada pelo exemplo de alguns amigos que pareciam viver num mundo diferente, detive-me lendo "A Bíblia". Reprovando no início e aceitando a seguir seus ensinamentos, fazendo uma entrega total de minha vida ao Criador, enfim, seguindo o caminho que Cristo nos orienta, sinto-me hoje exatamente como meus amigos: plena. Não me considero uma pessoa careta e também não pertença a nenhum grupo ou religião."

(M. do C. — Blumenau)

"Li, de um só fôlego, "Erva-Mãe" e assim fiquei conhecendo melhor o meu amigo desconhecido, Enéas Athanázio. E foram muitos os Enéas que encontrei. Suas alegrias e tristezas, seu caminhar sempre só, sua infância, sua eterna procura, seu dom de observar... e nas páginas do seu precioso livrinho foram surgindo muitos Athanázios, mas todos aparentemente tão sozinhos! Lembrou-me uma poesia de Paulo Bonfim, onde ele fala dos Paulos que deixou pelos caminhos, nos bares, nas serestas, nos mares, nas noites de lua cheia, nas grandes paixões. Viajei no bote do "Seu" Peixeiro. Enquanto sua pena de mestre descrevia o cenário, uma linda aquarela surgia, ante os meus olhos: o rio, calmo e silencioso, as árvores, os ipês lindamente floridos iluminando a paisagem, a altivez dos pinheiros, e aquele menino solitário, naquela canoa..."

(Irma Rinaldi Sydow — São Paulo)

PROFESSOR MAX HUMPL DEIXOU COM SEU DIÁRIO, MUITOS LANCES DA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU E SEU DESENVOLVIMENTO

Anos: 1912 a 1939

(O original acha-se com o sr. Niels Deeke, o qual cedeu a Blumenau em Cadernos para publicação — Tradução de Edith Eimer)

Chegada ao Brasil

“Com o navio “Zelândia” partimos de Amsterdam a 6 de novembro de 1912. Bela viagem, ótima companhia no navio e bonita cabine. Chegamos a 26 de novembro ao porto de Santos.

Pedro Seicht, um corretor de São Paulo, deu aos companheiros de viagem, no Rio, um jantar, num hotel local, onde logo tomamos conhecimento do cardápio do Brasil.

No dia seguinte, viajamos de trem para São Paulo, onde conhecemos a cidade ainda em desenvolvimento. Tudo em volta construções, valetas sujas, mas no mercado agradáveis restaurantes. Graças às minhas relações com a firma “Irmãos Atlantika”, tivemos agradáveis festas. Como o dirigente da Lyra havia se afastado, propuzeram-me contratar para seu dirigente. Todavia, com toda a decisão, eu sentia-me inclinado a viajar para a tão decantada Blumenau. Assim, segui dia 3 de dezembro de 1912, com o navio “Sirio”, fazendo escala em Paranaguá, Santa Antonina, São Francisco e, finalmente, Itajaí, de onde o vapor “Blumenau” nos levou até Blumenau.

Nossa primeira impressão de Blumenau

No porto de Blumenau, avistamos, na margem esquerda, uma extensa margem de cascalho e uma balsa primitiva. Além da margem, vislumbra-se uma densa floresta.

No lado direito, encontrava-se o porto onde nosso vapor atracou com dificuldade. Finalmente foi possível desembarcar na nossa nova Pátria!

Poucas pessoas, para nós ainda estranhas, observavam atenciosamente

os recém-chegados. Numa carroça foram colocados alguns sacos ou malas postais. Um caminho estreito e íngreme nos levou para o alto. Em cima vimos o Banco Schrader, com uma alta escada e uma marca da enchente de 1911. Uma casa mais alta era o Edifício da Câmara e na esquina a Casa Comercial Probst. Avistamos ainda uma rua, a rua das Palmeiras, com caminhos de chão e à direita e esquerda, pequenas casas. Atravessando a ponte sobre o ribeirão Garcia, chegamos a um bonito local chamado “Hotel Holletz”, que escolhemos para nos hospedar. Atrás deste ficava a “Kaiserstrasse” (Rua do Imperador) — mais tarde Alameda Rio Branco). Passando do canal “Blohm”, chegamos ao centro da cidade, por uma rua acidentada. À direita e à esquerda, bonitas e limpas casinhas, com jardins até a rua. Nas casas comerciais como Schadrack, agradáveis letreiros ofereciam as mercadorias; todos os anúncios escritos em alemão. Mais adiante, encontramos o restaurante “Oskar Gross”, a Relojoaria Husadel e, à direita, uma livraria, de G. A. Koehler e um Club Germânia. A grande e bonita escadaria em direção à linda igreja estava logo à nossa frente e, mais à direita, uma hospedaria — a “Josefhaus” e, a seguir, mais uma casa comercial, a “Raabe” e Fides Deeke. Dali para adiante, havia um bom trecho sem casas. Depois, vinha F. Busch, proprietário da única usina elétrica. De Belchior até a estação rodoviária, havia grandes lotes de terra disponíveis.

No movimento de estrada, somente se via alguns cavaleiros e carroças. Por isso, era fácil andar na rua. Uma bonita cidade, enfim, em estilo alemão, aconchegante, convidando logo para a gente ficar.

Estávamos com sede. Por isso, entramos no “Josefhaus”, onde havia

cerveja em garrafa. Pfui! que coisa horrível era a cerveja! E nós, que estávamos acostumados a tomar tão deliciosa cerveja na viagem com o "Sirió".

Achamos melhor ir até o "Gross", pois este pelo menos mantinha a cerveja na adega, já que geladeira ainda não havia. Por isso, era preciso a gente acostumar-se.

No dia 6 de dezembro de 1912, nós nos hospedamos no Hotel Holetz, como já dissemos. Tínhamos um bom quarto e estávamos surpresos com a boa qualidade da comida. Havia uma longa mesa, na qual encontravam-se três qualidades de carne, feijão, arroz, batatas, massa, frutas e pudim. Tudo isso por apenas 800 réis. Se havia mais uma pessoa, na companhia, esta recebia um prato e talheres e podia servir-se à vontade sem nada mais pagar.

Apesar da boa e farta comida, eu pretendia ir para a Hansa encontrar-me com o Dr. Aldinger, de quem já ouvira e lera tantas coisas bonitas. Assim, segui com o trenzinho para a Hamônia, através da margem direita. Depois da chegada ao final da linha, caminhei durante uma hora e, finalmente, cheguei ao minúsculo lugar, (o trem só chegava a Hansa), logo após a ponte de ferro da Subida) com um comprido rancho para os imigrantes, uma pequena igreja, que ao mesmo tempo era escola. Hospedei-me num minúsculo hotel de madeira, cujo nome era "Berg".

No dia oito de dezembro, o simpático dono do hotel emprestou-me um cavalo de montaria e eu fui até "Neu Berlin", vilarejo composto de três casas. Ali o cavalo não queria mais sair defronte o restaurante, até que mãos amigas empurraram o "embacador" e seu montador até a estrada. A seguir tive que atravessar um trecho de floresta virgem, até "Neu Bremen", que no meu mapa estava assinado como cidade, mas, que decepção! Somente existia o negócio do Sr. Wanselow e mais três barracas.

O Natal de 1912, passei com a família do simpático sr. Zierholz. Lá também conheci o sr. diretor José

Deeke, assim como sua esposa e filhos.

O ano novo de 1913, festejei com um pequeno grupo onde o sr. Krumel, o sr. Aldinger e eu cantamos canções alemãs. Já no dia 5 de janeiro de 1913, o sr. Krumel e eu apresentamos concerto de piano e violino, acompanhado de canções, em benefício do pequeno hospital. O Dr. Aldinger contribuiu com belas recitações.

No dia 9 de janeiro de 1913, segui pelo longo e solitário caminho de Selin até a casa do sr. Bendrat, um extraordinário homem de cultura, colecionador de quase todas as espécies de animais da terra.

Naquele meio tempo consegui colocação como professor em Altona, por intermédio da diretoria de L. Abry. Assim, tive que deixar, infelizmente, a bela Hansa. A despedida foi festejada no hotel Berg, ocasião em que o Dr. Aldinger pronunciou comoventes palavras de despedida.

A velha Altona nos anos de 1912-13

Vendo o bairro hoje (1917), dificilmente podemos acreditar que há cinco anos passados era como vou descrever.

Vindo de Blumenau, na altura do Dr. Sapelt, ainda passamos densa mata para chegar numa estrada acidentada e cheia de curvas até a cervejaria "Hosang" e, depois de uma curva bem fechada, levava à torrefação de café "Labes", e, atrás, o morro Boa Vista. Mais à esquerda, a casa, construção típica, do barbeiro Werner. Depois o fabricante de sabão Haertel e bem à nossa frente, estava a escola Haertel. Escondido depois de uma acentuada curva, avistamos a cervejaria Rischbieter e, a seguir, somente pastos existiam, até chegarmos à Vila R. Paul, com seu maravilhoso jardim, que foi criado pelo Dr. Fritz Müller". Seguiam-se pastos e mais pastos, para então surgir a fábrica de vinagre Siebert. Mais alguns pastos e estávamos adiante do restaurante Krüger (mais tarde Dr.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

Keibel). O sapateiro Hergert ficava nas imediações e, mais à esquerda, a fábrica de refrigerante (gasosa) de L. Probst. Estávamos então diante de uma clareira e, em nossa frente, víamos o Hotel A. Franke, o centro dos visitantes de Blumenau. Ainda vinha a padaria Sander, depois a casa com artefatos de couro do sr. Liesenberg, e, depois de uma grande área, o Salão de Baile "Teutônia". Depois do Salão "Teutônia", vinha a casa Persuhn e a cervejaria O. Jenrich. Não havia calçadas e também não era preciso, pois as carroças tráfegavam calmamente. E, frente ao Hotel Franke estava a casa do relojoeiro Finster, e era onde durante o período de construção da ferrovia, nos anos 1909, funcionava o escritório da mesma. Logo a seguir, víamos a casa típica de Friedenreich (mais tarde Lorenz) e a seguir mais pastos.

Cem metros mais adiante do hotel, nada encontrávamos até chegarmos à casa do sapateiro Penkhun (mais tarde Freitag), seguindo-se então Würges e Schaeffer. Repentinamente estávamos frente ao Hotel Danker, com um grande rancho para abrigar os animais e carroças dos viajantes que ali se hospedavam. Mais tarde foi construído no mesmo local o Hotel Dietrichkeit. Do outro lado da rua existia uma ferrovia e o bar de Emil Marx, o funileiro Parucker e seguiam-se então jardins e mais jardins.

Um grande lugar aberto mostrava que estávamos em frente à casa comercial Salinger & Cia. (Feddersen). Em frente, uma pequena casa típica do sr. Domer, onde mais tarde veio a funcionar a Farmácia Fouquet.

No dia 20 de janeiro de 1913, mudamos para a bonita casa escolar de Altona e iniciamos as aulas com 43 alunos, todos alegres e comunicativos. Era um prazer lecionar.

Com o professor Kurt Boettner, da Escola Nova (Neue Schule) de Blumenau, promovemos um concerto de piano e violino, acompanhado por recitações de poesias de Loewe.

O que era novidade para nós, eram os pique-niques com churrasco, palmito e bebidas de todo tipo.

Certo dia, fomos convidados para um pique-nique costumeiro, por Victor Gaertner, sua esposa e filhos, mais o sr. Max Feddersen com família, seus empregados e ainda o sr. Kochel. O

local escolhido foi embaixo da grande figueira que existia atrás de Anerbach, onde tudo ainda era floresta virgem. Isto aconteceu duas vezes em abril — 6/4 e 27/4 em Salto, no ano de 1913.

Em 24 de abril de 1913, foi inaugurada a ponte do Salto, da qual até agora só se viam os pilares. Na ocasião, entreguei ao sr. Vidal Ramos uma tela pintada com a ponte e de minha autoria. Como prêmio, ganhei uma taça de champagne.

No dia 24 de julho de 1913, promovi um bem frequentado concerto no hotel Josefhhaus, de parceria com o sr. Krumholz.

Minha viagem de férias para Curitiba, em 4 de agosto de 1913

Cedo, às 8 horas, comecei a minha viagem com o correio (era uma carroça do tipo que usavam os colonos). Eu era o único passageiro. Passamos pelo Weissbach, atravessamos o Rio do Testo e depois de longa viagem, chegamos a Pomerode, na casa do sr. Hermann Weege, onde pernoitamos.

No dia seguinte, seguimos viagem, vagarosamente, sempre morro acima, até Jaraguá, onde tivemos que pernoitar novamente num pequeno hotel de madeira. No centro, havia um grande refeitório e, dos lados, encontravam-se os quartos. No outro dia o trem nos levou até Rio Negrinho e, atravessando belos pinheirais, até Rio Negro. Naquela cidade pernoitamos. A seguir, tivemos que enfrentar uma longa e monótona viagem de trem pelo campo, com muitas curvas, poucas florestas e gado até nos trilhos.

Por uma carta de recomendação do padre Ambrosius e frei Sanislau, fui recebido cordialmente no claustro, em Curitiba. Em várias noites, na redação do jornal "Kompass", com "pai" Dotzer, desfrutamos de um ambiente alegre e descontraído.

As atrações da pequena cidade de Curitiba foram se tornando monótonas, cuja paisagem pouco se diferenciava do campo.

Após dois dias de permanência, segui de trem na terceira classe em longos bancos, mas com agradáveis

companheiros de viagem, até Parana-
guá.

Na páscoa de 1914, fizemos um passeio como costumávamos fazer "em casa", bem para dentro da floresta. O passeio foi lindo e conhecemos a natureza e fizemos outros amigos.

Em junho de 1914, foi festejado na conhecida "Woolfschlucht", no Jarracabach, abaixo de Anerbach, o aniversário do cervejeiro Otto Jenrich, cujo acontecimento foi maravilhoso. Lá pelas tantas, a festa foi interrompida por um telegrama que comunicava que o herdeiro do trono da Áustria, Ferdinand e sua esposa, haviam sido assassinados em Seratjio. Foi isso uma consequência de uma guerra.

A guerra veio em 1º de agosto de 1914, quando a Rússia declarou guerra à Alemanha. Muitos moradores de Altona, como também de Blumenau, partiram para cumprir seu dever para com a Pátria. Mas só chegaram até Florianópolis, porque vasos de guerra americanos tinham bloqueado a costa brasileira. Aqui se vivia em pânico por causa dos fanáticos, uma seita no planalto serrano que já se fazia presente no Alto Trombudo, Blumenau, assim, corria perigo por ficar desprotegida, caso seus homens, em idade militar, não estivessem presentes. Felizmente, ninguém foi para a guerra e regressaram para Blumenau.

Fizemos uma bela viagem no navio Sirio, partindo de Paranaquá, de regresso. O navio se revelou excelente, com a agradável e saborosa cerveja gelada. Depois de atracarmos em São Francisco, viajamos para Itajaí, onde pernoitamos outra vez no Hotel Burkhart. Felizmente encontrei a diretoria da minha escola e, com Marcos Konder, passamos horas agradáveis. Na manhã seguinte o vapor fluvial nos levou de regresso a Blumenau.

Em janeiro de 1915, comprei, de uma tropa vinda da serra, um cavalo manso e paciente. O sr. Liesenberg vendeu a sela e então eu podia ir diariamente até o Saltowerk, para dar aula aos dois filhos do engenheiro Hacker. Era muito cansativo, principalmente depois das aulas e em dias de calor. Assim, comprei uma aranha, com a qual fazíamos também belos passeios.

No dia 7 de dezembro, o engenheiro Hacker sofreu um acidente automobilístico na descida da estrada que

levava à sua residência e morreu. Sua esposa deixou Blumenau e as aulas infelizmente tiveram seu fim.

No dia 14 de abril de 1916, no Hotel August Franke, aconteceu mais uma noite agradável. Cantamos muito, apesar da noite chuvosa. Nós cantamos a quatro vozes todas as canções alemãs tristes e alegres. Como cantores regularmente bons, podemos citar Hermann John, que sabia todos os textos, Hermann Sander, que cantava o alto, Victor Kaertner, que geralmente cantava baixo, Jas Pelzmann e Adolf Schmalz, como seu futuro genro, como o chamávamos Franke e eu.

Na mesa redonda do Hotel Franke se conhecia muitos viajantes que contratavam carróças para viagens à colônia. Assim foi que conhecemos o "cavaleiro artístico" Wiedmann. Todos estimavam o hoteleiro Franke, homem alegre, simpático e respeitador.

Páscoa de 1916. Fizemos uma longa caminhada pela Velha, Weissbach e vizinhança, percorrendo linda paisagem e bela floresta.

No dia 29 de dezembro de 1916, ocupando a "aranha", minha filha Berta e eu fomos até Gaspar; lá pernoitamos para permitir que o cavalo descansasse. Depois seguimos para Itajaí, onde nos hospedamos no Hotel Burkhart. Em Itajaí, encontramos o amigo Sander. No dia seguinte, empreendemos uma viagem cansativa de volta a Blumenau. Foi demais para nós, como também para o cavalo.

Luta entre cobras - dezembro de 1916

Hans Lorenz, o comerciante, filho do comerciante Lorenz em Altona, era um grande conhecedor da natureza, característica que herdara do seu avô Fritz Müller, com o qual andava pelas matas. Ele morava na casa típica do sr. Friedenreich, no Altona, e certo dia deu um espetáculo para um pequeno grupo de alunos. Trouxe uma caixa, na qual encontrava-se uma cobra muçurana, de cerca de um metro. Abriu a caixa e deixou a cobra solta no pátio, onde ficou calmamente deitada. Então trouxe outra caixa na qual encontrava-se uma jararaca. Atirou a mesma no meio do pátio, perto da muçurana. Lo-

go as duas cobras levantaram a cabeça e começou uma luta terrível. A jararaca enroscou-se na muçurana, mordendo-a nas costas até sangrar, mas a muçurana, com uma mordida forte, quebrou a espinha da jararaca. Então a muçurana começou tranquilamente a devorar a jararaca, através da cabeça.

Desta realidade podemos aprender que, inimigas mortais, estas duas cobras são, e que a muçurana nunca deveria ser perseguida e morta, porque mata a terrível cobra jararaca.

Nos anos de 1914 até 1918, fiz uma pesquisa entre os velhos moradores, a respeito das primeiras condições da colônia, como seus pais e eles mesmos encontraram a situação da vila. Colecionei velhas fotografias, documentos e descrições. Ao velho Lueders e ao Werner perguntei sobre a ferrovia. A P. C. Feddersen sobre o comércio e ao Dr. Jehrig (morador no hotel Franke), sobre a flora e animais, do que era grande conhecedor. Assim, em quatro anos, surgiu a crônica que escrevi nos anos de guerra e também illustrei. Dei o original a P. C. Feddersen, que mandou encaderná-lo.

P.S. — Esta crônica, provavelmente seria destruída com o tempo, nas mãos de Feddersen, razão pela qual a enviou para São Paulo, ao Instituto Hans Staaden, onde ficou guardada e foi a pedido do município de Blumenau devolvida. Posteriormente o autor ainda foi bem reconhecido e recompensado.

Corrida de Cavalos em Altona

No dia 28 de abril de 1918, o colono Grassmann, residente perto da escola Altona, que tinha uma estalagem e alugava charretes, abriu uma estrada de 800 metros, em linha reta, para corrida de cavalos.

Grandes entusiastas eram os srs. Eduard Tierhug e Adolf Schmalz. As corridas atraíam muitas pessoas. As provas eram um pouco diferentes do

que conhecíamos: na partida, os cavalos ficavam de costas e, ao sinal de partida, o cavaleiro tinha que virar e partir, fazendo o percurso determinado.

A última corrida aconteceu em 8 de junho de 1919. Daí em diante, o entusiasmo foi decaindo e vários desentendimentos tiveram início entre os proprietários de cavalos e também porque o movimento automobilístico aumentava.

O período canoeiro - 1921-1923

Altona ficava situada às margens de um maravilhoso rio, que segue até a Cervejaria Rischbieter, ao norte, (mais tarde Berner), depois para o ocidente e com uma curva acentuada passa o Boa Vista, a ilha Eich (Eicheinsel) e segue para Blumenau. Sempre me senti atraído pela água. Assim, a 23 de dezembro de 1921, comprei, do sr. Butzke, no Salto, uma canoa e dois remos. No ano novo, acompanhado de minha esposa e filha, fizemos o nosso primeiro passeio até Blumenau. No dia 2 de janeiro de 1922, fomos até o Josefhäus para tomarmos um chope e ir até a igreja. Fazia um calor de uns quarenta graus e chegamos em casa somente à noite, infelizmente com chuva.

Dia 8 de janeiro de 1922, às 7 horas, seguimos, tomamos a canoa para a qual havíamos mandado construir um dispositivo sobre rodas, que facilitava o transporte da mesma, desde a escola ao rio, cujo dispositivo fazia um tremendo barulho, semelhante aos carros de boi. Por descuido, Berta e eu caímos na água e tivemos que trocar de roupa. Voltamos correndo para o rio, onde o casal Buchner nos aguardava. Tomando a canoa, fomos até as ilhas rio acima de Altona e lá passamos o dia pescando, assando peixe e muito rimos sobre o banho involuntário que tomamos.

Na Páscoa de 1922, fizemos um no-

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

vo passeio de canoa até a ilha Eich, onde pescamos.

No dia 2 de janeiro de 1923, fomos de canoa até Gaspar e regressamos com o vapor Blumenau (a canoa a bordo).

Período da construção da casa

Após muito trabalho por ambas as partes, com bordado, pintura, aulas particulares de piano e de violino, ficamos aptos para comprar um terreno. Em 8 de janeiro de 1923, compramos um chão logo atrás da escola, e que nos foi vendido pelo sr. Boettger. Nas férias de janeiro a agosto, começamos a preparar o terreno, e, em seguida, fomos erguendo as paredes da casa. Em setembro, o carpinteiro Valtik, da Fortaleza, forneceu a madeira total e, assim, com a ajuda de quatro homens, começou-se a erguer o final da casa típica. Uma enorme alegria apossou-se de nós, quando já no Natal de 1923, pudemos entrar em casa. Com um churrasco e um barril de chope, festejamos com os srs. Jenrich, Sander e Woerner, a inauguração da casa e também os 21 anos de nossa filha Berta.

Remar no rio Itajaí é maravilhoso, porém cansativo. Depois de uma reunião e nova pintura, vendemos a canoa ao livreiro Curlin, pois precisávamos de dinheiro para os acabamentos da casa.

Passeio à mina de prata

Com a carroça do sr. Sander seguimos às 8 horas em direção ao Garcia. No bar Hinkeldey, fizemos a primeira parada, pois Sander era um amigo bastante unido. Seguimos depois até Sirau, bem para dentro do Garcia, onde comemos e bebemos fartamente. Seguimos sempre mais adiante. Nenhuma casa encontramos e, finalmente, depois do Spitzkopf, avistamos alguns ranchos e a famosa mina sem prata, pois somente chumbo estavam tirando. A região ainda era muito selvagem e, por isso, regressamos logo

depois da chegada. Não havia nenhuma venda no caminho e, portanto, fomos até Sirau. A viagem em si foi muito proveitosa, pois foi naquela ocasião que o famoso Spitzkopf despertou em nós o interesse de conhecê-lo e que mais tarde tornou-se meu pa-raiso.

No ano novo de 1924, fomos para a Hansa, onde, no Hotel Berg, encontramos excelente acolhida e passamos horas muito agradáveis com o Dr. Aldinger.

No dia 2 de janeiro atravessamos o rio e entregamos ao sr. Bahr a bandeira bordada. Com o engenheiro Karl, passamos lá algumas horas de boa palestra.

Dia 3 de janeiro, fizemos, juntamente com o sr. Abry, uma agradável viagem a Neue Breslau, e depois até Dona Emma, para visitar o colono Kochlin. Lá encontrei uma flora bem nova: anêrinda, maçãs, cravo e pinhão, só não encontramos bananas. A casa de Kochlin foi construída com parede dupla e era uma verdadeira obra de arte. Fomos muito bem recebidos e na sexta-feira regressamos, empreendendo a viagem de trem. Chegamos cansados, mas fortalecidos espiritualmente.

Sobre a miséria escolar da escola particular em Altona

No dia 6 de novembro de 1917, todas as escolas, assim como a nossa, foram fechadas. Em 4 de abril de 1918, foram reabertas. Eu lecionava numa sala dos fundos, sob a direção de Herbert Biegging. Em 23 de março de 1920, o sr. Biegging nos deixou e então veio o sr. Adolf Maier. De novembro até dezembro de 1920, Maria Humpl fez um curso em Florianópolis. Passou no exame e recebeu licença para lecionar e assim pudemos trabalhar os dois.

Mas as ordens tornaram-se sempre mais severas, até fins de 1934, quando Geffert assumiu nosso lugar e eu mudei para o Spitzkopf.

N.B. -- Neste meio tempo, veio uma terceira professora que lecionava português, e que era a senhora Luse-gerg. Logo a situação tornou-se mais crítica com o aparecimento desavergo-

nhado do partido da NSDAP. Assim, todas as escolas alemãs pararam e em 1939 foram confiscadas e os velhos professores dispensados. Muitas jovens professoras foram colocadas nas escolas. Foi um desastre o que fizeram estes inimigos alemães.

Sábado, dia 8 de dezembro de 1924, tivemos uma festa escolar muito alegre e concorrida, para cujo sucesso trabalhamos semanas a fio. Ensaaios de canto, poesias, ginástica e peças teatrais foram necessárias. Fizemos arrecadações junto ao comércio para as rifas e fomos muito bem atendidos. Este ano terá que trazer uma boa renda, para que o auxílio, por criança, seja reforçado, apesar do subsídio que recebemos do governo alemão. A peça teatral eu mesmo escrevi, porque as que se compra, muitas vezes são pura tolice e muito caras. A arrecadação da festa foi de dois contos de réis, uma ótima renda.

Depois do grande trabalho em bordado que deu a bandeira de índios, seguimos a 3 de janeiro de 1925 por trem para Hamônia e de lá de carroça até índios, onde a bandeira causou muita alegria. Depois seguimos pelo Sandbach até a estrada do braço do sul (Süderstrasse) e para o local que ali estava se desenvolvendo. Lá as tropas de gado ainda eram conduzidas com muito trabalho através do rio, já que existia somente uma balsa. Nosso conhecido senhor Zerholz tinha um hotel no lugar, onde fomos bem acolhidos. Precisei voltar no dia 6 de janeiro e fiz a viagem com chuva e péssima estrada de carroça. Minha esposa ficou mais um dia e veio depois de carro. Mas, como havia buracos de quase um metro de profundidade e cheios de água, foi até Subida e de lá veio de trem.

Agora estivemos a semana todos ocupados com a bandeira para Indaial, a qual foi entregue no dia 22 de março de 1925 e inaugurada numa festa pomposa.

Em 3 de maio de 1925, aconteceu a festa dos cantores em Timbó. Pas-

samos lá um belo dia e, com minha esposa, recebemos encomendas de mais bandeiras.

Pela Páscoa choveu muito. Foi ótimo dia para pintura e assim, na terça-feira, foi possível entregar dois grandes quadros ao sr. Max Wulf.

O dia 21 de maio de 1925, passeamos até o "Schweinerücken" (Dorso do Porco). O "Shweinerücken" é uma elevação longa, a oeste da Velha. A subida começa logo depois da Fábrica Hering. Saímos às 8 horas com o ônibus até Blumenau. Em nossa companhia estava o sr. José Steierlein (noivo de minha filha) e sua irmã Ana. Atrás da Fábrica Hering começamos a percorrer uma estreita picada, subindo sempre através de bambuzal e floresta. Caminhamos por duas horas. Lá em cima avistamos um belo panorama da cidade, do rio Itajaí, do Boa Vista, Sargberg e Hundeburg. Depois de uma boa merenda voltamos em direção à Velha, onde encontramos o sr. Alfred Brattig e também o sr. Freier. Felizmente foi possível retornar de carro. É uma pena que tão poucas pessoas estejam interessadas em realizar passeios para aquele local. Se não fosse o sr. Curt Hering, que manda abrir picadas, tudo estaria ao abandono.

Sábado, dia 10 de outubro de 1925, fomos a Hansa, com a bandeira a ser entregue à Sociedade Caça e Tiro Hamônia. Às duas horas, a bandeira foi consagrada solenemente e, à noite, juntamente com os srs. Kiel e dois irmãos do sr. Schmalz, festejamos no Hotel Koepse.

Dia 13 de dezembro, em companhia dos srs. Brattig e Getzrick, fomos de carro a Massaranduba, com a finalidade de entregar a bandeira à sociedade local. Passamos na casa do sr. Manke e depois fomos à festa. Regressamos bem, apesar de um ligeiro pique.

Nos dias de Natal de 1925, insta-

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

lamos, junto com um amigo alemão das redondezas, e o auxílio do carpinteiro Franz Sachtleben, as colméias e o galinheiro. — N.B. — O mesmo carpinteiro construiu também o complicado telhado da Vila Hennings.

*

Natal de 1925 — Realizamos a festa na nova casa, juntamente com Berta e Josefina. Foi um dia muito alegre e sereno.

*

Férias até 20 de janeiro de 1926. Muito trabalho com confecção de bandeiras encomendadas, assim como com pinturas e serviços de jardim.

*

Domingo, dia 21, fomos com o Gesangverein até Cabeçudas. O dia estava lindo. Do farol tinha-se uma vista maravilhosa sobre o mar. Almoçamos com muita alegria e entusiasmo, cantamos muito e regressamos às 8 horas.

*

Quarta-feira, com dois ônibus repletos de escolares, fomos a Cabeçudas. Todos tomaram banho. Minha esposa e a sra. Max Feddersen foram junto para cuidar das crianças. Todos regressaram bem. As crianças ficaram entusiasmadas com o mar, que ainda não haviam conhecido.

*

Páscoa de 1926 — Depois de longo período de seca, finalmente choveu. Fomos a Gaspar entregar uma bandeira encomendada. Regressamos com alguns gasparenses e, no Hotel Brattig, tomamos chope.

*

Terça-feira — Como todos os anos, fomos junto com o sr. Otto Jennrich para a festa dos atiradores. Jennrich era um companheiro sempre alegre.

Casamento de minha filha Berta com José Steierlein, alfaiate do Bom Retiro

Dia 14 de maio, num porão originalmente decorado por mim, festejamos a despedida de solteiro. O Gesangverein esteve presente com todos os seus componentes e foi uma noite muito alegre. Comemos, bebemos e cantamos. A direção da sociedade, na pessoa de Abry, presenteou o casal com

um lindo relógio de pé, em nome do Gesangverein.

No dia 15 de maio de 1926, como estava marcado, aconteceu, na igreja em Elumenau, o casamento. Padre Stanislaw Schaeffe fez uma prédica muito bonita. Infelizmente, o jovem casal teve que partir logo em seguida para Ijuhy. Nada pior do que uma despedida destas. N.B. — Os dois fugitivos voltaram de Ijuhy no dia 15 de junho de 1926, porque lá não encontraram daquilo que lhes fora descrito. Muita poeira e pouco pão.

*

Domingo, dia 9 de janeiro de 1927, fomos todos para Itajaí. Almoçamos no Hotel Burhot e depois fomos para a praia, onde ficamos hospedados num pequeno hotel da família Herbst. Ouvimos toda a noite o agradável barulho das ondas e no dia seguinte tomamos banho. As ondas estavam gigantescas. Fui sozinho até o farol. A impressão foi das mais agradáveis.

*

Dia 24 de julho de 1927, dia do meu aniversário, quando completei 50 anos, levamos as crianças outra vez para Cabeçudas. Todos tomaram banho e visitamos a Fábrica de Vidro. Tudo correu bem.

*

Domingo de Páscoa de 1927, fizemos, na companhia de Georg Cuchner e esposa, um passeio pela floresta de Grassmann e Velha Pequena. À beira do rio, sentamos e comemos o que trouxéramos de merenda. No armazém do Wolfram, na Velha, paramos, para matar a sede. Em casa de Berta, tomamos café e ouvimos o que ela tinha para nos contar sobre Ijuhy.

*

Espírito Santo, 1927 — Na igreja em Altona, houve apresentação musical de manhã, depois no Teatro Frohsinn foi encenada a peça "Der Zunftmemeister von Nürnberg" (O corporal de Nuremberg).

*

Dia 3 de agosto de 1927 — Realizamos um grande passeio a pé. De trem até Indaial e depois à pé até a casa do Holetz, no Sandweg, onde tomamos café. Seguimos depois pela "Polakei" (região dos poloneses), à margem da floresta virgem, onde ainda ouvimos bandos de macacos gritarem. Seguimos depois até a estação

do Encano, onde chegamos cansados mas satisfeitos.

*

De 18 a 28 de agosto de 1927, tivemos a apresentação ensemble "Rischbühne", que apresentou-se em Blumenau. Eles vieram da região de nossa pátria (Bairischzell) e apresentaram seis noites seguidas com casas superlotadas. "Madalena" e "Amerikasepperl", eram peças sérias, todas faladas em dialeto bávaro. Muito poucos entenderam o que diziam, nos quadros e cenários. As representações foram impecáveis.

*

Enchente de 27 de novembro de 1927 — Altona e Blumenau estiveram isoladas, havendo tráfego entre ambas apenas pela estrada de ferro e o trem que circulava.

*

Natal e São Silvestre, em 1927. Estes dias passamos geralmente sozinhos e por isso, fizemos um passeio a pé até Jararacembach, e Berta, na Velha, voltando tarde da noite. Estes passeios eram sempre muito românticos.

*

Domingo, dia 8 de janeiro de 1928, viajamos com o Gesangverein, eu, minha esposa e a senhora Freitag até Camboriú, uma nova praia que prometia fazer muito sucesso, pela sua extensão, beleza e originalidade. A praia fica situada ao sul da Cabeçudas e tinha, na ocasião, cerca de seis barracas de madeira e uma venda. Thomsen nadou até a ilha e nós ficamos na praia. Voltamos para casa através de Itajaí.

*

Quarta-feira, dia 1º de fevereiro de 1928, no velho carro de Persulin Otto Jenrich, Erich Hermann e eu fomos a Indaial pelo Sandweg e Kanerberg. Chegamos ao açougueiro Holetz, que fritou para nós uma enorme linguça. Jennrich comprou por nossa sugestão, "leite em pó", que no dia seguinte, ao cozinhar, se revelava como pó de cascas de ovos!

*

De 2 a 12 de fevereiro de 1928, a pé, fomos até a casa de minha filha, Berta, na Velha. Fazia muito calor, mas todos passaram bem.

*

Domingo, dia 25 de março de 1928, viajamos de ônibus a Indaial pa-

ra assistir ao sepultamento de Fritz Müller, ocasião em que, juntamente com os srs. Franke e Freitag, cantamos a canção "Fahr wohl du Lenzemargen (parte feliz manhã de outono)". Foi a nossa última homenagem àquele prezado amigo.

*

Na Páscoa de 1928, fizemos um passeio a pé até Wolfram e Beims, na Velha. Tomamos café com Berta.

*

Chegou a festa do Espírito Santo, neste ano de 1928. Josef e Berta Vieram nos visitar, juntamente com a senhora Abraham Fouquet. Era também aniversário desta senhora. Começamos churrasco na Woofschlucht. Foi um ótimo dia.

*

Dia 18 de junho de 1928, aconteceram novas enchentes. As águas chegaram a alcançar meio metro menos do que a de 1927. Não tivemos aula naqueles dias. No Salto, as águas eram turbulentas. Às 4 horas fui de trem até o centro de Blumenau. Andei de canoa.

*

Dia 15 de agosto de 1928, Blumenau esteve outra vez sob o castigo da enchente. Às duas horas fui de trem até Blumenau, acompanhado de Jenrich e Persuhn e até andamos de canoa.

*

Dia 17 de setembro de 1928 — Caiu muita chuva e, por isso, novamente as águas do rio transbordaram, mas com poucas consequências.

*

Antes da última enchente, tivemos a solenidade de consagração da bandeira do Liederkranz, na Velha, isto no dia 20 de maio de 1928. A bandeira nos deu muito trabalho com o bordado e os laços. Às 9 horas, com a canção "Neim Mührlein war gut" (Minha mãezinha foi boa), obtive o primeiro prêmio. A festa foi animada e boa.

*

Domingo, dia 29 de julho, aconteceu o lançamento da pedra fundamental da Igreja de Altona. Houve apresentação do coro misto e, infelizmente, a despedida do Pastor Schroeder. Foi uma linda e animada festa.

Passeio ao Spitzkopf no dia 9 de agosto de 1928

Viajamos, em direção à atraente montanha, eu, o velho Wuerges, August Frank, Baiker e sua irmã, Josef e Berta e minha esposa. Foi a concretização de um longo desejo. Seguimos todos alegres e nos hospedamos no pequeno hotel que existia na subida do Spitzkopf, pertencente ao sr. Gustav Graeser. De lá seguimos um caminho que nos levou até o moinho do sr. Faht. Depois atravessamos o "Goldbach" e, na margem esquerda, com muitas curvas, seguimos estrada acima até 500 metros de altura, onde encontramos uma choupana e também árvores frutíferas. Naquele local almoçamos e, após, seguimos por uma picada através de uma maravilhosa floresta, por mais duas horas. Infelizmente a neblina era tão intensa que o caminho até o pico quase não pudemos atingir. Encontramos lá em cima a sra. Grossweiler (da casa de rádios) e uma enfermeira da cruz vermelha. Depois de uma agradável permanência lá em cima, retomamos a descida cedo, chegando até o hotelzinho, cansados do passeio. No dia seguinte, todos estavam com os ossos doídos e com tosse.

Nos dias que seguiram após aquela bela excursão, nosso trabalho foi pintar, bronzear molduras, pintar móveis de cozinha e outros e ainda algum trabalho no jardim.

*

De setembro de 1928 até novembro do mesmo ano, trabalhei, à noite, sempre até muito tarde, na documentação para o Instituto Alemão de Estrangeiros de Stuttgart. Enviei a documentação das sociedades Teutônia, desde 1893 até 1928, da escola Altona, construção da escola desde 1907 até 1928, da Sociedade de Cantores "Entracht", desde 1914 até 1928 e do "Sangerverein", de Itajaí, desde 1916 até 1928. O Instituto agradeceu muito pela documentação recebida.

*

No dia 16 de dezembro, começamos a preparação para a festa escolar, com teatro.

*

No dia 26 de dezembro de 1928, realizamos o passeio dos cantores até

Cabeçudas. Houve muito banho de mar, saboreamos ótima comida no Zwoelfer e tudo correu bem. No Ano Novo, foi feito um passeio a pé até a Velha. Fez muito calor.

*

No dia 1.º de janeiro de 1929, depois da missa, reunimo-nos na varanda do hotel Seifert, para saborear um chope gelado com Josef, meu genro. Depois, fizemos um passeio até o "vale dos lamentos", no Bom Retiro. Fazia muito calor. À noite, no salão Wuerges, fomos ouvir um discurso do Exército da Salvação, em Altona, onde o marceneiro Gernhard quis se fazer de interessante.

*

Domingo, dia 13 de janeiro de 1929, na companhia do sr. Jenrich, visitamos o nosso bom e velho amigo August Franke, no hospital, o qual, infelizmente, faleceu no dia 22 de fevereiro seguinte. Os cantores, num coral misto, prestaram-lhe a última homenagem. August Franke representava um pouco da velha Altona. Era ótimo contador dos episódios históricos e excelente pessoa, a quem todos estimavam.

*

Na Páscoa do mesmo ano, fizemos, como todo ano, um longo passeio ao Weissbach, Encano e até Schreder. Almoçamos e regressamos pela Velha, e, desta vez, tivemos que andar mesmo, pois não encontramos ninguém que nos desse carona.

*

Pentecostes de 1929 — estivemos com os escolares na inauguração da estátua do naturalista Dr. Fritz Müller, situada nas imediações da cervejaria Hosang.

Chegada dos russos em Altona, a 6 de julho de 1929

Naquela data, 6 de julho, à noite, um numeroso grupo dos assim chamados russos, hospedou-se no Hotel Wuerges, em Altona. Todos falavam alemão, pois sua descendência era alemã e dos alemães do Volga, que continuavam com seus usos e costumes trazidos de lá e, pela religião, eram menonitas.

Por se negarem prestar serviço militar devido a religião que professavam, eram perseguidos. Fugiram por Stelin e alguns foram enviados pelo governo alemão ao Brasil. Nós falamos com alguns e nos surpreendemos pelo silêncio e bom comportamento que reinava na hora das refeições. Antes eles rezavam ou apenas cantavam uma de suas canções típicas. Reinava a mais perfeita ordem no salão do hotel, que virara dormitório. Um pastor menonita os acompanhava; eram cerca de duzentas pessoas entre homens, mulheres e crianças. No dia seguinte, seguiram de trem até Hamônia e foram estabelecidos em Dona Emma. Trabalharam muito, erguendo casas de madeira com paredes duplas e fogões a carvão. Porém, ouvia-se dizer que a terra não lhes agradava, porque era muito pobre em comparação com a terra rica em camada de humus do vale do Volga.

*

Terça-feira, dia 6 de agosto de 1929 — Conduzidos pelo caminhão Hasse, fizemos uma boa viagem até a Subida, onde a natureza torna-se romântica e sobressai o morro Pelado. A subida é íngreme até o hotelzinho de madeira de onde se vê perfeitamente o encontro dos rios do braço do sul e do braço do norte. Então uma longa e monótona viagem nos levou até o destino, que era Matador, onde um conhecido comerciante, o sr. Smarovsky, tinha a sua casa comercial. Fomos muito bem recebidos e também pernoitamos ali. Passamos agradáveis horas à noite. Na manhã seguinte, visitei as plantações do sr. Smarovsky, cujo terreno era mediocre e na maior parte lamacento. Inspeccionei seu harmônio e o adquiri para o uso na nova igreja de Altona. Ao meio-dia, segui de carroça até Subida e de lá com o trem até em casa. — N.B. — A diretoria da igreja, através do sr. Gustav Persuhn, ficou muito satisfeita com a compra do harmônio, no qual eu, muitas vezes, executei as músicas convenientes.

*

No dia 21 de setembro de 1929, no salão Teutônia, homenageamos o velho amigo P.C. Feddersen, por ocasião dos seus 50 anos de imigração. Os

cantores da "Sociedade Emitracht", prestaram-lhe a homenagem.

*

Dia 8 de setembro de 1929, realizou-se grande festa na igreja. Foi inaugurada a nova construção com órgão e canto. À tarde, houve festa popular e, à noite, apresentação variada de sociedades com cantos e récitas.

*

Na véspera de Natal, ou seja, 15 de dezembro de 1929, realizou-se uma grande festa escolar e, à tarde, atrás do salão Teutônia, tivemos brincadeiras ao ar livre. À noite, canto, ginástica, poesia e teatro. Fiquei muito cansado, pois foi um dia muito agitado.

*

O novo ano de 1929, passamos com nossos vizinhos e família Riitter, numa agradável tranquilidade, em nossa casa, conversando agradavelmente até uma hora da madrugada.

*

O mês de janeiro de 1930, devido ao intenso calor, passei todo em casa, sem passeios. Escolhi e classifiquei para o velho Jenrich, cerca de 800 moedas de todo o mundo, sobre tabuletas forradas de veludo. Ficou muito bonito e principalmente interessante. Jenrich ficou satisfeito e demonstrou seu agradecimento através da oferta de uma caixa de cerveja.

*

No dia 1.º de março de 1930, houve eleições para presidente da República no Teutônia. Persuhn, Gestwiky e eu, estivemos controlando, dando de vez em quando um viva a Getúlio Vargas, o que provocou uma reação e admoestação de Feddersen que era contrário, pelo que infelizmente, mais tarde, pagou muito caro...

*

Domingo, dia 11 de maio de 1930, aconteceu grande festa dos cantores em Blumenau. Disputaram-se muitos prêmios. O coro misto ganhou a taça e troféu. "Eintracht" e "Liederkrantz" ganharam iguais, para descontentamento do último. Sempre houve mal entendidos com estas competições.

Na seqüência houve festa de cantores do "Eintracht" em Altona, por ocasião da visita dos brusquenses. No Hotel Wuerges foi festejada uma noite alegre com muita cerveja. Na manhã seguinte, com as cabeças ainda pesadas, fizemos um passeio ao Saltowerk e depois seguimos para Passo Manso,

afim de cantar e naturalmente beber cerveja. Depois houve uma comvente despedida.

*

Grande passeio a Florianópolis

À uma hora da madrugada, dia 1.º de agosto de 1930, partimos de ônibus com destino a Florianópolis. Estávamos eu e o sr. Wuerges. Passamos por Camboriú, beirando a praia e fizemos a primeira parada em Tijucas, a segunda em Biguaçu. Atravessamos a longa ponte "Hercílio Luz". Anoteceu, jantamos no Club Germânia, onde o filho do Wuerges era gerente. Depois, a pé, ainda com Wuerges, fomos até a residência da sra. Fouquet Abraham, onde fomos recebidos atenciosamente, passando algumas horas em excelente conversa. Depois fomos dormir em confortáveis camas. No dia seguinte, a senhora Fouquet Abraham nos levou até a Lagoa N.S. da Conceição para conhecermos as maravilhosas dunas. Almoçamos num restaurante local e, ao anoitecer, regressamos. À noite fomos fazer um passeio com o sr. F. Fouquet até a Praça. É preciso ir pelo menos quatro vezes a Florianópolis para conhecer bem a cidade. No dia seguinte, dia 4 de agosto, o vento forte e a chuva, infelizmente chegaram, depois dos belíssimos dias de sol. Fomos com o ônibus circular até São José, no continente, onde o sr. Busch tinha também uma fábrica de fósforos. No dia seguinte, depois dos agradáveis dias de estada na capital, regressamos a Blumenau, partindo de lá às 4 horas da tarde.

Anotações meteorológicas

De 1926 a 1930, diariamente, um e outro aluno podia anotar num livro o seguinte: Temperatura às 8 e às 12 horas. Tempo, vento, nuvem e possíveis observações. Estas anotações tomavam caminhos diversos de acordo com o temperamento de cada um e sua capacidade de observação. Forneciam assim também bases para o próprio professor.

Interessantes eram as medições

que fazíamos no poço de minha casa, ao recolher água com um balde.

Eu janeiro, as medições marcavam 24 graus Celsius e a água era um "gole" de refrigerante.

Em agosto, as medições marcavam também 23 graus Celsius e era quase morna.

Eu animava as crianças a fazer estas medições no próprio poço que tinham em casa e elas vinham com as medições que também apresentavam 23/24 graus Celsius.

Novamente no Spitzkopf

Mais uma vez programamos um passeio ao Spitzkopf. Isto aconteceu no dia 6 de setembro de 1930. Os srs. Winterberg e Walter Thomsen, com as senhoras Baeker, Schmidt e a esposa de Thomsen, também foram. Fomos alegremente recebidos no Spitzkopf pelos senhores Otto Huber e Scheidmantel, assim como pelas esposas que lá já estavam instalados. Passamos uma noite alegre, com um pouco de álcool e cigarros. Mais tarde ainda chegou o sr. Gustav Graese e cantamos até tarde. No dia seguinte, bençedo, fomos até o pico do morro. O dia estava claro e, assim, tivemos uma vista espetacular. Por volta das quatro horas da tarde retornamos. No hotel Graeser nos abastecemos para o regresso.

*

Domingo, dia 5 de outubro de 1930, eclodiu a revolução no Brasil. Até quarta-feira, tivemos um ambiente nervoso e carregado. As escolas estiveram fechadas. Feddersen mudou-se. No dia 10 de outubro chegaram as primeiras tropas de Vargas. Todos se comportaram muito bem. Ocorreram dias tensos até sexta-feira, dia 24 de outubro. Seis trens lotados com gáuchos passaram por Altona. Todo dia passavam pela cidade carros cheios de soldados. Notícias da revolução informavam que o Rio de Janeiro havia aderido, tendo São Paulo aderido somente dia 25 de outubro. Getúlio Vargas, enfim, era o presidente. Neste ambiente revolucionário, nada mais fizemos a não ser pintar, escrever e trabalhar no jardim.

*

Em 1931, foram reiniciadas as

costumeiras viagens à praia. Assim, fomos a 4 de janeiro com os cantores para Camboriú. Às 9 horas, tomamos banho de mar, depois fizemos a merenda na praia. Passamos o dia todo na praia e regressamos à noite.

*

Dia 19 de janeiro — Registrou-se a passagem dos 36 anos de fundação da Escola Altona.

*

No dia 20 de janeiro reiniciamos a aulas com 111 crianças. Fazia muito calor.

*

Domingo de Páscoa, 5 de abril de 1931, encontramos parceiros para um longo passeio até Encano. O sr. Kel e esposa foram juntos. Um maravilhoso piquenique foi efetuado às margens do rio. Depois fomos até Schroeder, para após, seguirmos pelo ribeirão da Velha. Na casa de um colono, tomamos café. Foi um longo caminho até Blumenau. Todos estávamos cansados, mas ninguém se arrependeu.

*

No ano de 1931, aconteceu outra enchente. Isto no dia 1.º de maio, quando fomos ver as águas turbulentas. No dia 18 de setembro, aconteceu mais uma enchente. As águas, desta vez, estiveram mais altas do que a enchente anterior. Estivemos vendo as águas no Salto.

*

A nossa escola completou 25 anos de funcionamento. Foi elaborado um vasto programa comemorativo e trabalhamos muito antes da missa, que abriu os festejos. Depois realizaram-se campeonatos e festa popular. À noite, houve canto, poesias, teatro, etc. A arrecadação foi muito boa.

*

Domingo, dia 17 de março de 1931, foi consagrada a bandeira da Sociedade de cantores de Altona. A festa foi cerimoniosa e o sr. C. R. Koehler pronunciou palavras muito bonitas e inspiradas. Também se referiu à minha esposa com palavras de reconhecimento. Houve apresentações de co-

rais e cantos, música, até às 2 horas da manhã.

*

Dia 24 de junho, dia de São João. (1931), fizemos, com as alunas um passeio ao "Schweinerücken". A subida fizemos em duas horas e ficamos uma hora lá em cima. Felizmente todos regressaram bem. Isto é sempre uma satisfação para o professor, por causa da responsabilidade.

Depois de muito trabalho no jardim, rancho e galinheiro, em nossa casa, fizemos um novo passeio. Desta vez foi em companhia de Jenrich. Fomos a pé pela margem até Blumenau. Este caminho é quase deserto, existindo somente alguns ranchinhos de negros, enquanto que o resto é floresta. Foi muito interessante e até agradou a Jenrich.

*

Primeiro avião em Blumenau

Dia 15 de agosto de 1932, aterrisou o primeiro avião no aeroporto de Altona, nas terras do colono Boettger. Muitas pessoas, inclusive toda a nossa família, fomos ver de perto o aparelho. O avião fez diariamente vôos panorâmicos sobre a cidade, cobrando dez mil réis por pessoa. Para nós, infelizmente, era um preço muito alto, embora coragem não nos faltasse.

*

Espírito Santo

Chegamos finalmente à festa do Espírito Santo. As festividades aconteceram na igreja de Blumenau. Havia muitas barracas nas quais se vendia cerveja, o que fez com que resultasse muita gente embriagada. Estas festas "cervejadas" acontecem muito, e são promovidas anualmente pelas igrejas. O próprio padre Stanislaw pronunciou-se contrário a estas festas.

*

Dia 22 de maio de 1932, realizou-se uma grande exposição agro-pecuária em Neue Berlin. Fui à exposição na companhia do sr. Jenrich. Tudo teria sido muito agradável, não fosse a forte chuva e vento que até causou o desmonte de algumas barracas.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

P. Protze, o gerente da Sociedade Teutônia, faleceu. Como era nosso companheiro na Sociedade de Canto, nós lhe oferecemos, no cemitério de Salto, uma canção como despedida.

*

A senhora Frieda Liesang deixou a escola porque seu marido foi transferido para a firma Lorenz, no Tocantins, em Goiás, onde, de forma misteriosa, encontrou seu fim.

*

O grande empreendimento da firma Lorenz, em Goiás, também não foi bem sucedido, devido às dificuldades de transporte. A senhorita Friedel Schaeffer assumiu o lugar de dona Frieda e nós três continuamos a levar os trabalhos adiante.

*

Dia 1.º de agosto de 1932, realizamos o quarto passeio ao Spitzkopf. Era férias e nós fomos até a cabana onde o sr. F. Hasse e o sr. Schwabe estavam trabalhando na ampliação da velha casa. Infelizmente o tempo não ajudou. Na manhã seguinte fui ao pico. Uma vista panorâmica maravilhosa. Às duas horas da tarde iniciei a descida até a fábrica e depois segui de carro.

*

No dia 10 de agosto de 1932, passei de bicicleta em companhia do meu genro Josef e fomos até Groeser. O Sr. Schwabe era proprietário do velho rancho, a 500 metros de altura.

*

Dia 4 de setembro de 1932, fizemos nova subida ao Spitzkopf e desta vez fomos até o rancho do sr. Fakemann, 100 metros mais acima do "nosso". O sr. Grassmann estava em minha companhia.

*

Dia 12 de setembro de 1932, fomos na Câmara Municipal, acertar a venda de nossa casa e do terreno ao sr. Gernhardt. Compramos do sr. Bruno Schreiber a colônia no Spitzkopf com 160 morgen. Agora, com todas as forças, queremos construir ali o nosso tão sonhado paraíso. Precisamos limpar a floresta e construir nova casa.

*

No domingo, dia 25 de setembro, com uma carroça cheia de madeira, viajamos de Anerbach até o moinho na Garcia e de lá o sr. Faht encarre-

gou-se de transportar o material lá para cima. Subimos com bom tempo e fizemos um churrasco. Visitamos o sr. Fakemann que, dentro em breve iria mudar. Assim, ficarei com minha esposa completamente só ali no Spitzkopf.

*

Na terça-feira, dia 4 de outubro, terminou a revolução, para alívio de todos. Voltamos a residir na própria escola, pois havíamos vendido a casa.

*

Em fins de outubro, levei novo carregamento de material até o moinho do sr. Faht, onde fui sozinho. Fritz Hasse já estava trabalhando na construção do rancho. Trabalhei bastante com ele. A água aqui é límpida e fresca. Nós a transportamos por canos para dentro da casa. Regressamos ao entardecer. Pernoitei em casa do sr. Hasse. Quarta-feira chegou minha esposa com novo carregamento. Inspeccionei toda a redondeza e, à noite, caí exausto na cama. Os 160 morgen de terra da colônia, ficavam a 500 metros de altura. Maravilhosamente situada entre morros. Um límpido riacho. Antes de mim pertencia ao sr. Schreiber, um alemão, e antes deste a um certo sr. Effenberger, que, devido a febre, abandonou a região. Há 20 anos passados havia ali um italiano. Eu agradecia diariamente o belo trabalho feito por ele. Árvores frutíferas de muitas qualidades, encontramos ali. Só precisavam ser limpas e tratadas, o que exigia de nós, um grande trabalho e também despesas para com os rapazes que nos auxiliaram no trabalho, nos anos de 1933 a 1934, antes de nos mudarmos definitivamente para lá.

*

No dia 2 de novembro de 1932, houve apresentação do coral Altona na igreja do nosso lugar.

*

No dia 18 de dezembro de 1932, tiveram início as férias. Segui para o Garcia, carregado de material. Era um trabalho cansativo, porque, cada tijolo tinha que ser transportado desde a casa do sr. Riedel até a minha, por quase meia hora.

*

Natal de 1932. Fomos a pé até a casa de minha filha, na Velha. Foi muito agradável a cerimônia natalina

naquela noite, com a família reunida.

*

No segundo dia de natal, houve grande festa escolar com cantos, poesias, teatro, ginástica e brincadeiras recreativas.

*

No dia 27 de dezembro de 1932, realizamos mais uma subida ao Spitzkopf. Fomos de carro até Lages. No sopé da montanha, Maria começou a subida sozinha e eu segui com o sr. Schwemle mais tarde. O carregamento era pesado. Mas chegamos bem. No dia seguinte, iniciamos a construção do fogão e do forno e, à noite, Schwemle regressou para casa. Nós ficamos para limpar o terreno e os pés de café.

*

Ano Novo, de 1933 — Festejamos sozinhos no meio da floresta, com milhares de vagalumes nos cercando. Silenciosamente nos despedimos do ano velho e para nós começava uma nova vida. No dia seguinte, chegaram Berta, Josef e Schwemle, trazendo grande carregamento de mantimentos. Comemos alegremente e conversamos muito. Praticamos tiro ao alvo e visitamos o "Goldbach" (riacho do ouro). Depois da partida da visita, ficamos até o dia 16 de janeiro sozinhos, eu e Maria. Trabalhamos muito, até que um mal-estar nos obrigou a descer. Era febre.

*

Dia 23 de janeiro de 1933, tiveram início as aulas, com 91 crianças. Logicamente que este ano muitas vezes fomos ao Spitzkopf para verificar se tudo estava em ordem, se nada tinha sido roubado ou danificado. O sr. Fekelmann, que morava um quilômetro mais acima, mudou-se. Viktor Schluf, do "Urwaldsbote", comprou a casa, mas raramente ia até lá. Quando nos visitava, era alegremente recebido.

*

Domingo, dia 14 de maio de 1933, fomos ao enterro do diretor da escola, o sr. Probst. Depois, de carro, regressamos para Blumenau, onde acontecia o encontro das Sociedades de

Cantores na Casa dos Atiradores. O jardim estava muito bem decorado. Cantamos muito, bebemos e comemos à vontade. A festa decorreu na maior harmonia.

*

Espírito Santo de 1933 — Maria, eu, Renatte e o cachorro "Bello", fomos de carro até Graeser (Bello não suportava viajar de carro, porque enjoava. Fizemos a subida no Spitzkopf com os srs. Hasse, Scheidemantel e esposas, Augsburg, Joséf, Berta e Bubi. Natureza Maravilhosa. Chegamos bem. O regresso fizemos sob chuva torrencial.

*

Sábado, dia 8 de julho de 1933: Festa dos 19 anos de fundação da Sociedade de Cantores, no Salão Teutônia. Cantei solo, com acompanhamento da orquestra de Ruediger.

*

Dia 27 de julho de 1933, fomos com a nossa charrete até a Velha, para comprar uma nova charrete.

*

Nas férias de agosto, a subida ao Spitzkopf foi muito difícil e Maria teve de regressar logo, por causa da febre. Ela regressou com o sr. Schleret, diretor do Saltowerk. Berta e Anne Steierleim estavam de visita.

*

Dia 26 de agosto de 1933, enterramos meu amigo Kübel. Depois da cerimônia do sepultamento, fomos com os cantores para Brusque, onde festejamos os 27 anos de fundação da Sociedade local. Tudo correu bem.

*

Dia 27 de setembro de 1933, houve reunião dos professores. O acontecimento foi marcado com uma grande recepção no Frohsinn, com muitos discursos, dos quais uns aproveitáveis e outros teria sido melhor nem fazer. Foram discutidos problemas de professores, pagamentos, etc. A despedida foi festejada na varanda do Seifert, onde tive oportunidade de conversar com o sr. Doetzer, que havia conhecido em Curitiba, em 1913, assim como o sr. Rauschmann.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

Sábado, dia 8 de outubro de 1933, viajei a cavalo até a Garcia. Chovia muito e era realmente difícil a caminhada. Os rios começaram a transbordar e tornou-se impossível ultrapassá-los aonde não havia ponte. Abandonamos o cavalo em lugar seguro e, sob chuva torrencial, continuamos a pé. Assim, uma viagem ao Spitzkopf não foi tão agradável e precisamos partir cedo para podermos passar os rios que logo aumentaram de volume.

*

Véspera de Natal: Passamos na casa dos Steierlein, na Velha. Fizemos a viagem de charrete e passamos agradáveis horas juntos. Alegramos-nos com os milhares de vagalumes que nos cercavam. Uma tranquilidade imensa. Trouxemos boas conservas e cerveja.

*

Um luso-brasileiro, chamado, Pedro, residia na Garcia e trabalhava numa roça em terreno do governo. Todo dia tinha que subir o Spitzkopf para chegar ao local de trabalho. Como nós o conhecíamos como uma pessoa honesta e de boas maneiras, oferecemos-lhe nossa casa para morar, o que ele aceitou agradecido e nós ficamos também satisfeitos por saber que nossa casa não estaria tão abandonada a partir de então. Ele mudou-se para lá a 22 de abril de 1934. Pedro sempre nos ajudava onde fosse preciso. Ganhava seu dinheiro, trazia nossas coisas desde a casa de Riedel e cuidava de nossa plantação de cana, feijão e aipim. Nós gostávamos muito dele. Morou quatro anos conosco até o dia que adquiriu um pedaço de terra.

*

Domingo, dia 4 de março de 1934 — O sr. Hasse chegou e ainda nos encontrou dormindo. Com grande barulho nos acordou. Pulamos da cama e, depois de um rápido café, partimos para nossa caminhada de exploração. O sr. Hasse foi nosso guia e explicava-nos plantas e árvores, como também muitos insetos, plantas, folhas, espinhos e madeira própria para fabricar um cabo de martelo e também para setas, assim como folhas de palmeiras para cobertura de casas. Numa toca que encontramos, senti um cheiro apodrecido. Ele disse-nos que lá encontrava-se uma cobra dormindo,

depois de ter devorado um animal. Levamos 4 horas na caminhada. Sem o auxílio do sr. Hasse nós nos teríamos perdido. Chegamos bem em casa, mas muito cansados.

*

Domingo, dia 18 de março de 1934 — Partimos, todos, de bicicleta. Fazia um calor terrível. Paramos na Confeitaria Eimer para um bom café e refresco. A segunda parada foi na casa do sr. Graeser. A trovoada estava formada e aproximava-se. Começou a chover pesado e trovões nos cercavam. Molhados até os ossos, chegamos à nossa casa. Fomos dormir cedo. O sr. Hasse veio no dia seguinte bem cedo com três homens para iniciar a construção da estrada com uma nova picada. Nós colhemos as primeiras ervilhas e os primeiros figos. Partimos de regresso, em bicicleta e chegamos em casa muito enlameados.

*

20 de abril de 1934 — Eu e Marie partimos a cavalo a uma hora da madrugada, rumo à casa no Spitzkopf. Foi uma jornada triste. Passamos sede. Marie, logo ao chegar, foi para a cama. Eu comecei a limpeza da casa. As 7 horas, chegaram Faht e Jakob levando cerveja e leite. Depois do café partimos para o lago, para onde Hasse havia preparado uma excelente picada e limpou os arredores. É um lugar maravilhoso. Retornamos para casa mais tarde, porque lá nos esperava o trabalho. Precisamos limpar as bananeiras, os pés de café, etc.. Ao meio dia, tomamos uma boa sopa para fortificar, e bananas para a sobremesa. Depois de uma hora de descanso no banco, atrás da casa, tomamos um bom café de nossa própria propriedade. Visitantes vinham chegando e entre eles o sr. Hasse. O céu estava nublado, mas não choveu.

*

Domingo, dia 21 de abril de 1934 — Eram 7 horas quando ouvimos vozes que nos chamavam. Eram Berta, Josef e Bubi. Que alegria! Também chegou o sr. Schuemmler. Primeiro tomamos um café gostoso em conjunto. Depois fomos ao lago. Mais tarde, Josef e Schuemmler seguiram morio acima para caçar. Regressaram de mãos vazias. Ao meio dia foi servido

um prato de "Kuteln" (bucha) que Marie trouxera. Em feliz comunidade permanecemos até às 4 horas da tarde, e era chegada a hora da partida. Começamos a descida. Berta e Josef e mais os visitantes, regressaram de carroça. Nós seguimos de charrete. Muito nos aborreceu a poeira que os motoristas faziam com seus carros. Sentíamos como que sufocados depois do ar puro que havíamos respirado.

*

Dia 10 de maio de 1934 — Ontem, depois das aulas, fui de bicicleta até a casa no Spitzkopf. Encontrei tudo em ordem. Fazia muito frio. Bem cedo, na manhã seguinte chegaram os primeiros visitantes, sr. Gasswerber e Augsburguer, que foram os primeiros a chegar. Tomamos café juntos, depois eles seguiram adiante. Logo depois chegaram os ginastas Koehler e Boetig, Brand, Kleine, Sutter, Berner, Max Hertel e Schmied. Ninguém passava pela nossa casa sem tomar café. Ficamos nós mas por pouco tempo, porque logo depois, Otto Berner e August regressaram porque sentiram-se cansados com a subida. Eles ficaram conosco e visitaram nossa plantação, a lagoa e a cascata, onde refrescamos algumas garrafas de cerveja. Todos se sentiram bem. As 8 horas todos regressaram e nós nos preparamos para o retorno.

*

Dia 19 de maio de 1934 — Novamente estamos na casa do Spitzkopf. Muito trabalho nos esperava. O sr. Scheidemantel e sua esposa, passaram também em direção ao pico. Durante o dia muitos visitantes também passaram, inclusive o sr. Iten. À noite estávamos sentados todos juntos, numa roda alegre e animada.

*

Dia 21 de agosto de 1934 — Minha esposa fez a seguinte anotação no diário: Terça-feira cedo fui de aranha até a Velha buscar Berta e seu Bubi e numa viagem tranquila seguinte fomos ao Garcia, até a casa do sr. Faht, onde deixamos o cavalo. A subida foi ótima. Chegamos às 3 horas da tarde. Pedro estava colhendo la-

ranjas. Depois do café, fomos a roça de milho. As batatas também estavam bem. Tinha muitas formigas carregadeiras e não encontramos o ninho. À noite deitamos cedo. Na manhã seguinte, levantamos cedo e iniciamos o trabalho para o preparo de vinho de laranja. No outro dia, quarta-feira, foi um dia maravilhoso. Passamos horas junto ao lago. Depois almoçamos e colhemos couve-flor da nossa horta. No dia seguinte Berta foi buscar palmito e preparou conservas. Papai veio de bicicleta logo depois das aulas. Chegou às três horas da tarde. Bulei corria pelas redondezas alegre e satisfeito. No dia seguinte Berta, Bulei e Max, voltaram para a cidade. Eu fiquei sozinha até terça-feira. Pedro era uma boa companhia, contava aventuras com animais selvagens e explicava alguma coisa que eu não conhecia. Na estrada que leva até nossa casa, o sr. Hasse e mais três homens trabalham no alargamento para permitir também a subida de carros. Até agora tínhamos que carregar tudo. Deverá custar cerca de 100 mil réis, o novo caminho; mas valeu, porque ficou bem mais fácil a subida.

*

Dia 1º de novembro de 1934 — Fiz a subida sozinho levando uma cortadeira de trato na charrete. Foi muito difícil. A charrete virou duas vezes, uma bem perto do precipício, mas cheguei felizmente às 7 horas da noite, completamente exausto. No dia seguinte, quando estava ocupado no fogão, chegou Maria, que veio de bicicleta. Almoçamos juntos e, à noite, muito cansados, fomos dormir cedo. Agora tivemos o trabalho de Pedro no acabamento da cozinha e da varanda. Tudo ficou muito acolhedor. No dia seguinte o tempo não estava bom e não pudemos trabalhar ao ar livre. No dia 3 de novembro partimos para a escola. Foram dias maravilhosos.

*

O ano de 1934, além do trabalho na escola, passamos ocupados no acabamento de nossa casa no Spitzkopf. Na casa Hoepcke compramos duas

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

bicicletas novas para chegar mais depressa ao Garcia. Não era muito fácil nos dias de muita chuva e de muito calor. Sempre saímos sábado depois das aulas e regressamos aos domingos à tarde.

*

Dia 14 de abril de 1934 — Com ótimo tempo segui de trem junto com os cantores/ até Subida e de lá até Rio do Sul (Sudarim). Pernoitamos no Hotel Brattig e no dia seguinte, domingo, visitamos as duas igrejas, cantamos e comemos um delicioso churrasco. Todos viveram momentos alegres e felizes.

*

Dia 1º de maio de 1934, fizemos a loucura de empreender um passeio de bicicleta ao bairro de Fortaleza, depois Fidelis, Itoupavazinha, Testo e no retorno pelo Weissbach, dali até em casa. Foi cansativo, mas bonito, porque conhecemos muita gente nova.

*

Dia 16 de julho de 1934, aconteceram as bodas de ouro do casal Boettger. Diante de sua vila, houve uma recepção calorosa. O jardim estava preparado para receber muitos visitantes. Quantidade incrível de cerveja foi consumida, além de verdadeiras montanhas de doces. Cantamos todas as canções preferidas do velho Boettger, até altas horas da madrugada.

*

Dia 4 de agosto de 1934, fomos ao teatro Frohsinn, onde a poetisa Maria Kahle deu um recital. A mesma, em 1918, fez grande sucesso aqui na cidade; mas agora, por causa do comandante Eikoff, ficou "falada" e

não trouxe nenhum benefício para os alemães daqui.

*

Dia 7 de julho do mesmo ano, realizou-se a festa da Sociedade Emtracht. Pela primeira vez apresentaram-se corais. Todos gostaram muito.

*

Dia 23 de setembro — Eu e minha esposa seguimos de carro aberto até Warnow, juntamente com os cantores, para a consagração da bandeira. Foi festa colona. Mas tudo muito caro, e ofereciam pouco. À noite, retornamos de trem.

*

O sr. Hasse está ampliando nossa casa no Spitzkopf. Todo o material foi transportado a pé até o alto. Ficou tudo muito bonito.

*

Dias 14 a 17 de dezembro — Visita Blumenau o cruzados "Karlsruhe". Nós fomos cantar.

*

Dia 21 de dezembro — Deu-se a despedida da escola, dos cantores e de tudo que em 22 anos chegamos a amar.

*

Natal de 1934 — Pela última vez fomos até a Velha, na casa de Berta. Foi uma noite muito agradável.

*

Em fins de 1934, diariamente seguiam coisas pra a nova casa. Móveis e os mais variados utensílios domésticos. As roupas pessoais Maria e eu carregamos pessoalmente até o alto.

*

O dia 28 de dezembro de 1934 foi o dia definitivo de nossa mudança

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

para a nova casa. Reinava um verdadeiro caos e tivemos muito trabalho. Mas estávamos felizes. Meus amigos, em Altona, estavam preocupados com a nossa permanência tão afastados de qualquer ajuda em caso de doença ou mordida de cobra. Mas nada nos convenceu. Medo não tínhamos e armas também não. Estávamos felizes em nossa nova propriedade, com duas vacas, alguns porcos, cachorro, gato, galinhas e o querido cavalo. Sempre estávamos ocupados com alguma coisa.

*

Anotações sobre aulas particulares até fins de 1934

Filha de Richard Paul - piano; Filha Ilse Richard Paul - violino (excelente); Filho Wigand de Braner Persuhn - violino; Filho de Persuhn - piano; Filho Reinhold do senhor Sander - piano e violino; Filho Alfons, do senhor Sander - piano; Mara Deeke, filha de Fides Deeke - canto; Filha do senhor Würges - piano; Ella Butzke - do Salto - piano; Lilli Feddersen - canto; Carmen Feddersen - piano; Filha do senhor Blohn - piano; Filha do Senhor Ferdinand Schadrack - piano; Filha do Senhor Rodrigues - piano; Vera Clasen (aulas particulares escolares); Freia Schmalz (aulas particulares escolares); Filha do Senhor Abry - piano; Filho do Senhor Probst - (aulas particulares escolares); Filho do Senhor Rich Probst - violino; Filha do Senhor Rich Probst - piano; Filho do Senhor Guido Kaestner - Salto - (aulas particulares escolares) Filho do Senhor Heins Reif - Salto - violino; Filha do Senhor Leopold Raabe - (aulas particulares escolares) Filho de Fritz Jensen - violino; Filha e Filho do engenheiro Hacker - (aulas particulares escolares) Helene Parucker - piano; Doutor Kübel - violino; Filha do cervejeiro Berner - piano; Herta Lorenz - piano; Filha do Senhor Lafront - piano; Nora Kalvelage - piano.

A partir de 15 - II de 1916-1918 aulas no Colégio Santo Antônio, de Blumenau, de canto, violino, piano e órgão.

O diário assinala ao todo 13 ban-

deiras de Sociedades que foram bordadas em seda, ou veludo, por minha esposa.

Sociedade de Canto Lyra - Indaial 200 mil; Sociedade de Caça e Tiro - Bela Aliança 320 mil; Sociedade de Ginástica - Neuberlin 500 mil; Sociedade de Caça e Tiro - Sandbach 300 mil; Gemüthlichkeit - Blumenau 550 mil; Sociedade Caça e Tiro. Índios 620 mil; Sociedade de Caça e Tiro - Indaial 720 mil; Sociedade de Caça e Tiro - Hammônia 750 mil; Sociedade de Caça e Tiro - Massaranduba 750 mil; Sociedade de Canto - Gaspar 720 mil; Sociedade Unterhaltung (recreação) Massaranduba 550 mil; Liederkrantz - Velha 700 mil; Saengerbund - Itajaí 1.400 mil.

Todas as Sociedades ficaram muito satisfeitas com as bandeiras, bem como o Sr. G. A. Kochler que era diretor da Liga.

Indaial, bandeira de veludo; Hammônia, de Tafetá; Índios, de Veludo; Massaranduba - Killian e Wulf uma cada; Velha - Tafetá (Liedertafel); Timbó.

Sobre decoração de palcos em Blumenau

Muito trabalho e esforço exigia a decoração dos palcos das diversas Sociedades. Não era somente a pintura dos cenários, mas queriam a completa decoração. Assim, sob tremendo calor, minha esposa e eu trabalhávamos muitas vezes até tarde.

Decoramos os seguintes palcos;

Um palco no salão Butzke (representando nova pátria); Palco de Indaial (quarto e floresta); Palco de Teutônia (arredores); Palco Hilkeldei - Garcia (quarto e floresta) Palco na Hammônia salão Ziehold (quarto).

Histórico do Spitzkopf

Há milênios, quando tudo estava coberto por água e por erupções, surgiu a terra. Encontramos evidência no alto do Spitzkopf, onde havia areia do mar e até fragmentos de conchas. Antigamente deve ter sido um excelente lugar de caça para índios. Animais, e vegetação podiam se de-

envolver plenamente, pois era transpassado por inúmeros córregos de uma água cristalina. Por volta de 1900 ouvia-se falar ainda de índios nesta região e assim poucas pessoas tentaram uma colonização na localidade.

A primeira escalada da montanha foi feita a 19 e 20 de julho de 1892, pelos senhores Otto Wehmut, Christ, Imrcth, Fritz Alfahrt e Hermann Ganchesen.

Muito mais tarde foi feita uma picada para caçadores e para lenhadores até a assim chamada "Roça dos Labes". Os jovens empregados da Empresa Garcia, Senhores Scheidemantel e Otto Hüker, ficaram entusiasmados com a escalada do Spitzkopf; pernottaram várias vezes lá, com frio, e alguns animais selvagens. Como Sociedade da selva auxiliados pelo Senhor F. Hasse, construíram um rancho. Tinham que carregar todo material, como tábuas e madeiras em geral. Isto foi em 1927/1928.

A 17 de julho de 1929 foi então fundado o "Spitzkopf-klub" (O clube do Spitzkopf), cujo diretor foi o sr. Otto Huber; secretário, Rud. Hollenweger; cobrador, Alfred Grossweiler; "rancheiro", Fritz Hasse e proprietário, Paul Scheidemantel, Gauche (alfaiate) e Wünsch.

Depois foi feita uma picada mais larga e o rancho provido com 20 camas e colchões. Para não por o rancho em perigo do outro lado, foi construída uma cozinha rústica. Em setembro de 1930 o rancho foi ampliado por Hasse e Schwabe. A "cozinha" foi suprida com os alimentos indispensáveis como: café, feijão, açúcar, sal, etc. — água corrente tinha bem próximo.

Em 1934/5, a partir do final da minha propriedade, foi construído um caminho mais largo, seguindo o lado esquerdo não tão íngreme como o direito. Foi um trabalho árduo a construção do novo acesso.

O Spitzkopf, vista geral

É o pico mais elevado na região de Blumenau, com 920 metros de altura. Apresenta, como Blumenau está, somente 11 metros acima do nível do mar, como nossas montanhas nos Al-

pes da Baviera, que têm 1.600 metros de altura, mais áreas cultiváveis no sopé.

Por volta de 1920 levava na margem esquerda, partindo da Empresa Garcia, um estreito caminho até Sirau-Sachtleben e então começava uma subida péssima de um caminho que ia até Brusque. Em linha reta chegava-se a Silbermine onde passava-se também as propriedades de alguns colonos como Schwabe, Erhart, Pfiffer e para a venda de Gustav Graeser. Ainda seguiam Labes e Boos.

Seguindo por outro atalho chegava-se ao moinho do senhor Faht. A pouca distância corria o "Goldbach" e a partir dali uma estreita e íngreme picada, começava a subir por serpentinas no meio da floresta. Uma vez ou outra passava-se um córrego e o ar ficava sempre mais puro. Na chamada colônia Riedel, acabava o caminho mais ou menos possível e começava a verdadeira picada até repentinamente estar-se à frente de um vale de laranjeiras; a Colônia-Schreiber, mais tarde o Eldorado de Max Humpl.

Após 200 metros de subida íngreme pela floresta chegamos ao pico do mesmo, onde, pelo lado leste, vimos o Sargberg, o Hundenberg e o mar. Para o oeste as montanhas da serra, ao sul imensas florestas e morros, mas também as áreas cultivadas de Pomerode, Diamante e Blumenau com seu vale.

O Professor Max Humpl, em 1939, com mais 8 companheiros coletaram cerca de 30.000 mil réis e aplicaram na estrada até sua casa.

Udo Schadrack, em 1950, grande amigo da natureza e humanista, adquiriu toda a região, como área de preservação da natureza. Preparou a picada para uma estrada de trânsito e no rancho do Max Humpl construiu uma maravilhosa moradia.

A flora no Spitzkopf

Em Blumenau não chegamos a conhecer tanto a maravilhosa flora brasileira em 22 anos do que agora aqui no Spitzkopf. Na cidade procura-se destruir toda e real natureza, enquanto aqui o apreciador da mesma a encontra representada na sua mais fiél interpretação. Do grande amigo da natureza, senhor Hasse, muito a-

prendemos sobre ela nas nossas andanças pelo Spitzkopf. Muita madeira de lei encontramos, como a Canerana, Óleo, Louro, Jacatirão, Ingá.

O mato é formado por um verdadeiro mar de samambaias. Nas árvores enormes de Anabiribe cresce maravilhosas orquídeas e enormes cipós caem até o chão. Grandes samambaias das quais se obtém o xaxim, dos quais novamente se faz vasos para flores. Palmitos e palmeiras cujas folhas são usadas para cobertura de casas. Em árvores frutíferas encontramos goiabeira, pitangueiras, jaboticabeiras, etc. Também encontramos árvores de canela, caraçuba, coração, lachão e o ipé, umbahuba, cuti e piquici madeira da qual os índios fabricavam arcos e flechas.

Além destas plantas "naturais" foram plantadas pelo italiano naquela época: pessegueiros, figueiras, tangerinas, laranjeiras, limoeiros, etc. Perto de casa crescem mamoeiros, cerejeira, abacate, tomates de diversas qualidades, bananas, batatas, tayá, enfim o que é preciso para a cozinha. Cuidar de tudo nos traz alegria e satisfação, apesar do trabalho.

A fauna do Spitzkopf

Em Blumenau o barulho da cidade e a irresponsabilidade com as armas, acabaram com a fauna rara. Mas no meio da floresta do Spitzkopf, se aprende com olhos abertos a conhecer a fauna, sua maneira de falar. Alguns úteis, outros nocivos e que trazem preocupação.

Centenas de pequenos beija-flores voam de flor em flor, constroem seus ninhos nos galhos bem protegidos. Muitas espécies de aves canoras nos cercam. Lá adiante grita o bem-te-vi, as rolinhas e pombos selvagens, o tucano, com sua bela plumagem, o João de Barro e bandos enormes de periquitos que com uma gritaria incrível descem nas laranjeiras. Também grandes aves de rapina conhecemos e que muitos pintinhos roubaram do galinheiro. Enormes andorinhas marítimas apareceram da região do mar, descendo, sobre as árvores da floresta e roubando os pássaros dos próprios ninhos. Periquitos miúdos e com a cabecinha enfeitada com plumas ver-

melhas pousam na cerejeira, confundindo-se com as frutas. A noite aparecem enormes morcegos que atacam o gado, agarram-se ao pescoço dos animais, sugando-lhes o sangue. Esta rica fauna, viva e ativa não permite que de nós se aposse a solidão, como meus companheiros cantores receiam. Além destes pássaros ainda temos os macacos que mesmo lá no alto do pico ainda existem, invadem as plantações de milho, um deles ficava sentado no alto de uma árvore e com gritos avisava os companheiros da aproximação de uma pessoa. Pequenas corças encontramos, pacas e coatis, assim também tatu, rastros de onças mas não chegamos a ver. Matar a tiros um desses animais, nunca passou por minha cabeça. Eu considerava isto verdadeiro crime. Além destes grandes animais também grande número de insetos nos cercavam. Os geocos dentro de casa eliminam baratas e outros insetos. Um enorme sapo era nosso amigo e tinha escolhido seu esconderijo debaixo do guarda roupa, de onde saía à noite para procurar seu alimento. Também uma cobra muçurana vivia na casa e circulava entre nós sem mostrar medo, e também nós a deixávamos livre, pois sabíamos que matava as cobras venenosas que também viviam nas vizinhanças, como a jararaca ou a cobra coral que, apesar de suas cores bonitas era perigosa. Mas principalmente a jararaca era perigosa e muito venenosa. Encontrávamos a mesma escondida nos lugares mais diversos como madeira, bananas, etc. Nós sempre tínhamos conosco soro antiofídico e seringas hipodermicas para qualquer eventualidade, mas felizmente nunca precisamos delas.

Um capítulo catastrófico, são os insetos. Mesmo que sejam úteis para as plantas de uma forma ou de outra, também dificultam a vida da gente. Contra as baratas em casa, ainda nós podíamos nos defender com a colocação de veneno. As aranhas eram eliminadas pelo Geco, as vespas encontravam também sempre um local para construir seus ninhos. Porém as formigas causavam os maiores estragos, principalmente as formiga-carregadeiras, que podiam, numa noite, destruir uma plantação inteira de um colono. Precisávamos sair à noite seguir seu

rastro e eliminar o ninho. As formigas caseiras procurava-se eliminar usando latinhas cheias de querosene, que colocávamos em baixo dos pés das mesas. As vespas não só destruíam os figos, mas também atacavam os cavalos no pasto.

Em muitas plantas encontrávamos lagartas com longos pelos, que provocavam queimaduras na pele por longas semanas. Perigosas são as aranha-caranguejeiras, às vezes grandes como uma mão de homem adulto. Irritadas, atacam a pessoa, pulando nela.

Mas agora também uma visão mais alegre: as maravilhosas borboletas em todas as cores, principalmente as grandes Marphaeceen azuis. À noite, grandes e pequenos vagalumes aos milhares clareiam a vizinhança. Principalmente na época de Natal, apareciam em grande quantidade. Assim, a nossa solidão era sempre interrompida por coisas boas e más. No primeiro devíamos procurar alegria e satisfação, no segundo tínhamos que aceitar.

(Conclui no próximo número)

Subsidios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícias de 29 de julho de 1865:

Dona Francisca. — Como presente de S.M.R. o Príncipe de Joinville, à nossa Igreja Católica, chegou um excelente harmônio da fábrica Alexander & Fils, de Paris, já instalado na nova igreja.

Notícia de 7 de outubro de 1865:

Dona Francisca — Transtorno... O pacote correio novamente passou ao largo do nosso porto e nos deixou na mão! Carregado de tropas, ele passou direto no dia 30 do corrente em direção ao Desterro, sem entregar a nossa correspondência, mas deixou dois de seus passageiros, que tencionavam vir para a nossa Colônia, fora da barra, numa ilha desabitada!! Aconteceu o seguinte: Os dois passageiros embarcaram em Paranaguá, mediante o pagamento da passagem até São Francisco. Quando o pacote chegou à altura de São Francisco, deteve-se perto da costa, em seguida passou ao largo da barra e dirigiu-se ao arquipélago situado na entrada da mesma. Ali chegando, foi feita a comunicação aos dois passageiros, que seriam deixados numa ilha, falando em ilha da Graça. Os dois protestaram, mas foi-lhes declarado que, se não quisessem descer, teriam que continuar a viagem até Desterro (hoje Florianópolis), pois o pacote não

podia entrar em São Francisco, somente por sua causa. Seguir até o Desterro, os dois também não queriam e por fim, depois de muita discussão, resolveram ficar. Foi arriado um bote e eles foram levados, atravessando assustados a ressaca violenta — mas desembracando ilesos no penhasco nu. Foi-lhes entregue pequena provisão seca, e foi-lhes dito que encontrariam água na ilha e que de resto, bastava içar uma bandeira branca, que em breve seriam recolhidos... O pacote zarpou e os dois passageiros, transformados em "Robinsons", fizeram conforme lhes fora dito. Um lençol, que por sorte carregavam em sua bagagem, foi içado como bandeira, para pedir socorro. Depois procuraram e encontraram a fonte prometida e contentes, descansaram ali mesmo, para em primeiro lugar satisfazer a seu estômago, que já reclamava.

Mas o auxílio prometido não aparecia. Esperaram e perscrutaram o horizonte, meio dia passou, a tarde foi declinando, sem que aparecesse qualquer embarcação. A noite se aproximava, o alimento já chegara ao fim e os dois abandonados estavam conformados com a triste sorte de precisarem dormir a céu aberto. No último instante apareceu como "anjo salvador" o barco "Macaco" de São Francisco, que velejava naquelas paragens, à procura da entrada da barra. Felizmente notaram a bandeira bran-

ca, aproximaram-se e levaram os dois enfeitados a salvo para São Francisco. O paquete teve, pelo menos, uma hora de demora para deixar os dois passageiros naquela ilha, e se ele tivesse gasto mais duas ou três horas, poderia ter entrado em São Francisco, desembarcando os seus passageiros, deixando a mala do correio do Rio e recebendo a correspondência para o Desterro. Assim teria se passado tudo em ordem e a comunicação postal não teria sofrido atraso. Além disso, conforme afirmaram os dois passageiros, o vapor não estava lotado e bem podia ter transportado os 76 recrutas, que já há semanas estão à espera de poderem seguir para o Desterro, recolhidos nas prisões de São

Francisco, em compartimentos apropriados ou não apropriados, confusamente ajuntados e miseravelmente alimentados.

Notícia de 28 de outubro de 1865: Dona Francisca — Telégrafo. A comunicação telegráfica entre o Rio e Porto Alegre teve a sua obra iniciada e deve estar concluída dentro de três meses. O chefe do serviço chegou a São Francisco, a bordo de um navio de guerra e ali iniciou os trabalhos preliminares para a colocação da linha telegráfica, ao longo da costa.

A coleção completa do "Kolonie Zeitung" faz parte do arquivo histórico de Joinville.

Clube Náutico América batiza novos barcos enquanto aguarda a conclusão de sua nova sede

É com muita satisfação que noticiamos, hoje, os últimos acontecimentos que ultimamente vêm marcando a trajetória do Clube Náutico América, uma das maiores tradições do remo catarinense e que no passado deixou registrado nos anais do remo sulamericano, vitórias extraordinárias.

O mais recente acontecimento que marca a trajetória do clube, ocorreu no dia 14 de dezembro passado, quando promoveu, na Prainha localizada ao lado do Restaurante Moinho do Vale, o batismo de novos barcos, os quais vieram a incorporar-se às guarnições já existentes e, assim, possibilitar a que novos valores do remo venham a surgir entre a juventude blumenauense.

Os barcos batizados são os seguintes: "Campeoníssimo Hans J. Post", Single-Skiff; "Consul P. Passo Jatahy", Double-Skiff; "Prefeito Dalto dos Reis". Dois com timoneiros; "Ministro Jorge K. Bornhausen", Quatro com timoneiro.

Na oportunidade da solenidade, foi feita entrega, ainda das medalhas aos remadores vice-campeões catarinenses de 1986.

Entre as numerosas conquistas que marcaram a presença do América

nas décadas passadas, foram, principalmente a conquista do Bi-campeonato, em 1956 e 1957, da prova clássica "Moisés Lupion", em São Paulo, o tri-campeonato da Regata Internacional de Montevidéu nos anos de 1957 e 1959, através do barco de oito remos, Campeão Catarinense em 1957, Campeão Catarinense do barco a oito remos em 1957 e 1959, campeão brasileiro do Skiff Júnior em 1975, além de tantas outras conquistas que, como já afirmamos, tornaram o Clube Náutico América uma das grandes expressões do remo sulamericano e que, agora, próximo a receber sua nova e suntuosa sede, deverá reaparecer nas águas do rio Itajaí, com o treinamento de novas guarnições que, em futuro próximo haverão de reviver as grandes conquistas do passado.

À frente dos destinos do América, na qualidade de Presidente, continua o incansável desportista José Carlos Ubiratan da Silva Jatahy, a principal coluna a sustentar as tradições do clube, ajudado pelos vice-presidentes Hans Juergen Post e Otto Reiss, tendo como secretários Olímpio Moritz e Freimundo Alfredo Germer e como tesoureiros Edgar Anuseck e Armin Weege.

— DIA 2 — Ministrado pela historiógrafa e Arquivista Professora Eni Barbosa, de Porto Alegre, teve início um curso intensivo de quatro dias, na sala nobre da Biblioteca "Dr. Fritz Muller". o curso de pesquisa histórica, do qual participaram cerca de 15 alunos de Blumenau e outros vindos de municípios vizinhos. O curso foi patrocinado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", com o apoio da Prefeitura Municipal através da Secretaria de Educação e ainda da FURB.

— DIA 3 — Um violento incêndio iniciado às 11,45 horas, destruiu o depósito e o almoxarifado do Hiper Mercado, de Itajaí

— DIA 7 — Em pouco mais de um minuto, um violento vendaval, que mais parecia um tufão, assolou todo o bairro da Escola Agrícola, causando várias destruições, principalmente no prédio da Escola Básica Lucio Esteves, que deixou quatro salas de aula a descoberto, a Igreja Santa Terezinha e o Centro Social daquele bairro, além de causar outros estragos em residências do bairro. Felizmente não houve vítimas a lamentar, porque as telhas arrancadas, assim como as chapas de cobertura, caíram em locais em que não estavam pessoas. A rua Santarém, que fica no ponto mais alto do bairro, foi uma das mais violentamente atingidas, e aonde os estragos foram maiores nas residências.

— DIA 13 — Um terrível temporal, com ventos e verdadeira tromba d'água, desabou sobre o distrito de Vila Itoupava e arredores, causando, com a avalanche de água que movimentou o ribeirão que corta a cidade, grandes estragos não só nas residências marginais como especialmente na Fábrica de Cadarços Haco. As águas chegaram a arrastar por longo percurso pesados blocos de cimento que marginalavam o ribeirão, causando com isso ainda maiores destruições às residências e por onde passavam. Uma criança morreu em consequência do acontecimento, causando consternação em todo o município. Tratando-se de um divisor de águas, também a região de Itoupava Central, aonde o temporal não foi tão violento, mas foi forte, movimentou as águas do ribeirão daquele bairro, causando estragos principalmente às lavouras ribeirinhas.

— DIA 20 — Grande quantidade de peixes apareceu morta, no ribeirão Garcia, em consequência de fatores ainda desconhecidos. Foi triste o panorama. Eram judiás, trairas e carás boiando sem vida, numa triste afronta à preservação da nossa fauna aquática.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA